

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FERNANDA BASTOS BARBOSA**

***DESPOΤISMO MODERNIZADOR: PORFIRIO DÍAZ, SENHOR DO MÉXICO*  
AS REPRESENTAÇÕES DE PORFIRIO DÍAZ E SEU GOVERNO EM  
ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS AO SEU REGIME PRESIDENCIAL, 1901-1911**

**Mariana  
2011**

**FERNANDA BASTOS BARBOSA**

***DESPOTISMO MODERNIZADOR: PORFIRIO DÍAZ, SENHOR DO MÉXICO***  
**AS REPRESENTAÇÕES DE PORFIRIO DÍAZ E SEU GOVERNO EM**  
**ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS AO SEU REGIME PRESIDENCIAL, 1901-1911**

**Monografia apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do bacharelado em História.**

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes**

**Mariana**  
**2011**

## **Agradecimentos**

Inicialmente, gostaria de agradecer aos meus pais, Ilze e Marcos, por todo o apoio, carinho e torcida que me deram durante os quatro anos de universidade. Das vezes que liguei achando que a finalização da monografia seria impossível, foram eles que me sustentaram e fizeram com que eu seguisse em frente, sempre forte. À tia Inilce, que sempre torceu pelo meu sucesso e ao Anderson, por suas palavras de incentivo e carinho. Agradeço também à Maria Antonia, Leonardo (irmão de coração) e ao Leandro que me acolheram por quatro anos e se tornaram minha segunda família.

Agradeço ao meu orientador e amigo, professor Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, que a cada reunião fazia com eu ficasse mais encantada com o objeto da pesquisa monográfica. Sempre ético e cuidadoso, tornou-se um modelo de profissional a ser seguido. Agradeço também aos membros do GEHA que, por dois anos, vêm proporcionando ótimas discussões sobre América Latina. Não poderia deixar de mencionar em especial a Marcelle Braga, irmã que eu ganhei em Mariana e que me ajudou nos momentos mais difíceis, e ao Fabio Baião, exemplo de pesquisador e que se tornou um grande amigo.

Ao pessoal da minha turma (08.1), agradeço às horas prazerosas, divertidas e de estudos. A estadia longe de casa fica mais fácil quando existem colegas em quem se apoiar. À Lucas de Melo, Felipe Alves, Bruno Omar, Marconni Marotta e Beth Sant'Anna, deixo meu muito obrigada. Também gostaria de agradecer à Tais Takehara pelo apoio nas traduções das obras em inglês.

Agradeço a professora Natally Vieira Dias (professora adjunta da Universidade Estadual de Maringá) e ao professor Valdei Lopes de Araujo (professor adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto) pela leitura crítica da monografia. Tenho certeza que este trabalho receberá contribuições que farão com que eu me torne cada vez mais madura nas pesquisas.

Deixo também meus agradecimentos à UFOP por todo apoio durante o período de graduação. Agradeço aos professores do Departamento de História, que fizeram com eu tivesse uma excelente formação na área e, à Pró-reitoria de pesquisas e pós-graduação (PROPP), pelo fomento das pesquisas desenvolvidas durante os anos de estudos. Sou grata a todos que contribuíram para a finalização deste trabalho.

Palabras de esperanza, que se condensan y se tornan en maravillosa realidad de prosperidad nacional; y al fin, se esboza, se dibuja y se abriga en la iluminación de una apoteosis, el México moderno, con *el héroe, el pacificador, el regenerador*, marcando con su mirada, serena como la de la Historia, y su diestra, segura como la del Destino, los derroteros gloriosos del porvenir, de esta nación, que ansía lanzarse á ellos para cumplir su grandiosa misión humana en este Continente nuevo, que se prepara, á los rientes albores del siglo XX, para ser la estación de etapa donde tomará, sin duda, asiento, en su peregrinación sublime, la civilización universal.

Bernardo Reyes

¿Qué es México? Los norteamericanos comúnmente llaman a México “nuestra república hermana”. La mayoría de nosotros a describimos vagamente como una república muy parecida a la nuestra, habitada por gente un poco diferente en temperamento, un poco más pobre y un poco menos adelantada, pero que disfruta de la protección de leyes republicanas: un pueblo libre en el sentido en que nosotros somos libres.

Algunos que hemos visto el país a través de la ventanilla del tren, o que lo hemos observado un poco en las minas o haciendas, describimos esta tierra al sur del Río Bravo como regida por un paternalismo benevolente, en el que un hombre grande y bueno todo lo ordena bien para su tonto pero adorado pueblo.

Yo encontré que México no era ninguna de esas cosas. Descubrí que el verdadero México es un país con una Constitución y leyes escritas tan justas en general y democráticas como las nuestras; pero donde ni la Constitución ni las leyes se cumplen. México es un país sin libertad política, sin libertad de palabra, sin prensa libre, sin elecciones libres, sin sistema judicial, sin partidos políticos, sin ninguna de nuestras queridas garantías individuales, sin libertad para conseguir la felicidad.

John Kenneth Turner

**Resumo:**

Porfirio Díaz tornou-se presidente constitucional da República dos Estados Unidos Mexicanos após ganhar a eleição de 1876. Manteve-se no governo, por meio de reeleições, até o ano de 1911, época em que renunciou e ficou exilado na França, onde residiu até falecer, em 1915. O período correspondente aos seus anos de governo é conhecido como Porfiriato. Sobre o Porfiriato existe uma ampla produção historiográfica, desde o período contemporâneo à presidência de Díaz até o hodierno. O objetivo desta monografia é, a partir de uma literatura específica referente ao assunto e da utilização de fontes primárias, pesquisar a representação de Don Porfirio e de seu regime presidencial em escritores contemporâneos ao seu governo (séculos XIX-XX). As fontes utilizadas para atingir tal objetivo são obras impressas de indivíduos que escreveram sobre o presidente e seus anos de governo. Nestes trabalhos percebemos as transformações de um discurso, ou seja, como a representação de Porfirio Díaz transformou-se do período de sua estabilidade na presidência da República até o início do período revolucionário mexicano, 1910-1911.

**Palavras-Chave:** México; Porfiriato; Historiografia

**Abstract:**

Porfirio Diaz became the constitutional President of the Republic of Mexico after winning the election of 1876. Remained in the government, through re-elections, until the year 1911, by which time he resigned and was exiled to France, where he resided until his death, in 1915. The period corresponding to their years of government is known as the Porfiriato. About the Porfiriato there is ample historiographical production from the contemporary period the presidency of Díaz until today. The purpose of this monograph is, from a specific literature relating to the subject and use of primary sources, research the representation of Don Porfirio and his presidential rule in contemporary writers of his government (XIX-XX centuries). The sources used to achieve this goal are printed works of individuals who wrote about the president and his years in office. In these works we see the transformation of a discourse, in the other words, how the representation of Porfirio Diaz became the period of stability in the presidency of the republic until the start of the Mexican revolutionary, 1910-1911.

**Key-words:** Mexico; Porfiriato; Historiography

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	06
Apresentação do tema e objetivo da monografia.....	06
As fontes.....	08
Aspectos metodológicos.....	09
Estrutura da monografia.....	11
<b>Capítulo 1: Passado caótico, presente pacífico: a reflexão de escritores mexicanos sobre o governo de Porfirio Díaz</b> .....	13
I. Que passado mexicano é este? .....	16
II. México regenerado: passado caótico e o governo da lei na obra de Bernardo Reyes.....	17
III. A árvore da paz definitiva: Justo Sierra e a visão evolucionista da nação mexicana sob o governo de Díaz.....	22
IV. Díaz entre pacificador e ditador: <i>La sucesión presidencial de 1910</i> , de Francisco Madero.....	29
<b>Capítulo 2: Porfirio Díaz sob o olhar estrangeiro. As representações do presidente e seus anos de governo em escritores norte-americanos e ingleses</b> .....	37
I. <i>Mexico as I saw it</i> : Porfirio Díaz e o governo da lei.....	38
I.II A história faria justiça à Díaz? .....	42
II. <i>Barbarous Mexico</i> : o governo de Díaz e a paz alterada.....	46
II.II John Turner e sua crítica ao governo norte-americano.....	53
III. <i>Díaz, master of Mexico</i> : James Creelman e a legitimação do Porfiriato frente ao passado caótico mexicano.....	55
<b>Conclusão</b> .....	63
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	67

## Introdução

### Apresentação do tema e objetivo da monografia

José de la Cruz Porfirio Díaz Mory nasceu em Oaxaca no ano de 1830. Aos treze anos ingressou no Seminário Conciliador de Santa Cruz, mas se recusou a ordenar-se padre e abandonou o local no ano de 1850, época em que foi cursar Direito no Instituto de Artes e Ciências de seu estado natal. Neste período, entrou em contato com Benito Juárez, tornando-se um liberal. Ainda jovem, Díaz combateu o governo do presidente conservador Antonio Lopez de Sant'Anna (Revolução de Ayutla, 1855), construindo, assim, o início de uma carreira como militar. Participou de importantes batalhas mexicanas, como a de Puebla, em 1862, e a Guerra da Reforma, em 1867, esta contra o imperador austríaco Maximiliano de Habsburgo.

Em 1867, retirou-se do Exército nacional e foi trabalhar em um sítio próximo à cidade de Oaxaca, mas a partir de dezembro do mesmo ano passou a figurar como adversário de Benito Juárez ao cargo pela presidência da República. Neste ano, Juárez ganhou as eleições e governou o México até 1871, reelegendo-se. No segundo pleito, Díaz mais uma vez saíra candidato, e novamente perdeu para Juárez. A partir deste momento, o general passou a criticar a perpetuação do zapoteca no poder, crítica que posteriormente foi feita a ele por Francisco Ignacio Madero, devido aos seus vários anos no governo.

Don Porfirio mais uma vez concorreu à presidência e, em 1876, saiu vencedor. Nesta época, ao ver a pretensão de Sebastián Lerdo de Tejada em se reeleger para a presidência do país<sup>1</sup>, sublevou-se contra o governo na chamada “Revolução de Tuxtepec”. Vitorioso contra as forças lerdistas na batalha em Tecuac, estado de Puebla, em fevereiro de 1877, Díaz assumiu provisoriamente a presidência da República e, em cinco de maio do mesmo ano, tornou-se presidente constitucional.

Foram trinta e um anos quase ininterruptos de governança. Em 1880, o General Manuel González assumiu a primeira magistratura, mas, em 1884, Díaz foi novamente eleito e, por meio de reeleições, administrou o país até o ano de 1911, renunciando ao cargo e se exilando na França devido à Revolução Mexicana. O período correspondente aos seus anos de governo é conhecido como Porfiriato.

---

<sup>1</sup> Uma vez que Benito Juárez havia falecido em 1872 e Lerdo de Tejada, então presidente da Suprema Corte de Justiça, assumira a presidência.

Segundo o historiador Paul Garner, poucos governantes latino-americanos foram tão mitificados como o presidente Díaz. Um estudo generalista acerca de sua representação, desde a própria produção historiográfica oitocentista até a geração profissional atuante, nos mostra como existem matizes e matrizes historiográficas sobre o Porfiriato, embora poucos estudos que aprofundem tal tema. Como explicou o historiador britânico, “todos los mitos, creados durante y después de la vida de Don Porfirio, tuvieron un origen y un claro fin político, pero cada uno se fortaleció con base en una corriente historiográfica poderosa (...).” (GARNER, 2003: s/p.).

A monografia, portanto, é o resultado de uma pesquisa que buscou estudar a representação de Porfirio Díaz em escritores contemporâneos ao seu governo. Foram analisadas seis obras impressas: três de indivíduos mexicanos, duas de periodistas norte-americanos e um livro de uma viajante inglesa. O recorte temporal assentou-se entre o ano de 1901 e 1911, e a escolha das obras estudadas justifica-se pela contribuição que deram para mudanças de matrizes historiográficas sobre o porfirismo<sup>2</sup>, bem como por serem trabalhos que são recorrentemente citados no âmbito historiográfico atual, ou seja, textos que se tornaram canônicos, formaram opinião e instituíram uma memória sobre Porfirio Díaz. O objetivo foi compreender as transformações da representação de Díaz da época de estabilidade de seu governo até o início do período revolucionário mexicano, 1910-1911. Como veremos, de grande estadista que conseguiu pacificar o México frente a um passado caótico pós-independência, cindido por intervenções estrangeiras e guerras civis, o presidente passou a ser representado como um ditador, que oprimiu a população e suprimiu a atuação política dos cidadãos no cenário político.

Embora haja uma bibliografia extensa acerca do período mexicano denominado Porfiriato, os estudos sobre o tema são escassos em nosso país. Este trabalho buscou inovar no recorte do objeto de pesquisa, pois a partir de um estudo aprofundado sobre a historiografia contemporânea ao governo de Porfirio Díaz, há uma contribuição ao mapeamento das matrizes historiográficas sobre este período histórico. Citamos,

Irónicamente, hoy la historiografía del Porfiriato parece un árbol cuya rama principal (historia económica) es más gruesa y frondosa que lo magro del tronco de la historiografía general y lo prejuicioso de la conciencia histórica que todavía reina en la concepción del periodo. (GÓMEZ GALVARRIATO; TENORIO TRILLO, 2006: 16-17).

Portanto, ainda se necessitam teses na comunidade acadêmica, brasileira e internacional, de trabalhos que pensem a “historiografia geral”. Conhecer aspectos

---

<sup>2</sup>Utilizamos o termo porfirismo como sinônimo de Porfiriato. Significando, portanto, o período correspondente aos anos de governo de Porfirio Díaz.

historiográficos sobre o porfirismo nos ajuda em um maior entendimento sobre o período em destaque.

### **As fontes**

Em 1901 uma viajante inglesa chamada Ethel Brilliana Alec-Tweedie escreveu o livro *Mexico as I saw it*. Em passeio ao México a autora descreveu sua apreciação sobre o país, bem como sobre Don Porfirio (que, para ela, foi o maior homem do século XIX). Foi importante analisar nesta obra a construção dos argumentos da viajante ao elogiar o presidente. “He controls millions of people with a hand of iron, still they love him. He is a despot, but at the same time leads the unassuming life of a private gentleman.” (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 129).

*México: su evolución social* consiste em um estudo sobre a população mexicana ao longo da história do país. Foi organizado entre os anos de 1900 e 1902 por um intelectual mexicano chamado Justo Sierra, que contribuiu com dois ensaios na obra: “Historia política” e “La era actual”. Nesta monografia analisaremos este segundo ensaio, que buscou compreender justamente o governo de Porfirio Díaz. O autor escreveu sobre o México durante o Porfiriato legitimando o governo do presidente, mas não deixando de fazer, em termos sutis, uma crítica à perpetuação de Don Porfirio no poder.

*El General Porfirio Díaz* foi escrito por Bernardo Reyes em 1902, importante general porfirista, bem como governador de Nueva León e chefe da zona militar do noroeste mexicano. Seu livro é constituído de duas partes em que o autor escreveu tanto sobre os feitos militares de Díaz, quanto sobre seus anos como presidente constitucional. Será importante traçarmos um paralelo de análise com a obra, por exemplo, de Turner e, assim, percebemos como os autores mobilizaram as mesmas informações biográficas do presidente para legitimarem projetos políticos diferentes.

*La sucesión presidencial de 1910* foi escrito por Francisco Ignacio Madero em 1908 e publicada em 1909. Neste livro perceberemos uma mudança interpretativa acerca do porfirismo, uma vez que o autor criticou a permanência de Díaz no poder. Contudo, o autor não deixou de discutir a situação de paz que pairava sobre o México. Para o coahuilense, Porfirio Díaz havia pacificado o país.

*Barbarous Mexico* (1911), do periodista norte-americano John Kenneth Turner, também demonstra uma mudança clara acerca da representação de Porfirio Díaz. De construtor de uma nação moderna ele passou a ser “pilar central del sistema de esclavitud y

autocracia” (TURNER *apud* GARNER, 2003, p. 17). O livro teceu uma crítica aberta ao presidente mexicano e a todos que elogiavam o presidente.

*Porfirio Díaz*: master of Mexico de, também periodista norte-americano, James Creelman foi escrito em 1911, ressaltando os aspectos positivos do governo de Díaz. Seu trabalho abordou desde o período militar de Porfirio Díaz até sua ascensão com presidente da República. O livro, como veremos, dialogou com a obra de Turner, escrita em 1910 e publicada também em 1911.

É importante destacar que traçaremos um diálogo com o trabalho dos historiadores Paul Garner, que escreveu *Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política* (2003)<sup>3</sup> e Mauricio Tenorio Trillo e Aurora Gómez Galvarriato, autores de *El Porfiriato: herramientas para la historia* (2006)<sup>4</sup>. Estes dois trabalhos são livros recém publicados que também analisam escritores contemporâneos ao governo de Don Porfirio.

A partir da análise das obras procuraremos demonstrar, como dito acima, a mudança de discurso sobre a imagem de Porfirio Díaz, bem como de seu governo. O escopo não é fazer um exame exaustivo das fontes aqui estudadas, mas trazer alguns elementos que nos ajudem a iluminar o problema da pesquisa monográfica.

### **Aspectos metodológicos**

Por tratar-se de uma pesquisa que trabalha com o conceito de “representação”, faz-se necessário deixar clara a noção utilizada na monografia. Para tanto, citamos a definição de Edward Said escrita em seu livro *Orientalismo*:

A minha análise do texto orientalista, portanto, coloca a ênfase na evidência, de modo algum invisível, de tais representações como *representações*, e não como descrições “naturais” do Oriente (...). Os dados a serem observados são o estilo, as figuras de retórica, o cenário, os esquemas narrativos, as circunstâncias históricas e sociais, e não a correção da representação, nem sua fidelidade a algum grande original. A exterioridade da representação é sempre regida por alguma versão do truísmo de que, se o Oriente pudesse representar a si mesmo, ele o faria; como não pode, a representação cumpre a tarefa para o Ocidente e, *faute de mieux*, para o pobre Oriente. (SAID, 2007, p. 51).

<sup>3</sup> Paul Garner trabalhou com três categorias de análise para discutir a historiografia sobre o Porfiriato, são elas: “Porfirismo”, “Antiporfirismo” e “Neoporfirismo”. Para o autor, o Porfirismo dominou a historiografia contemporânea ao governo de Díaz, o Antiporfirismo o período pós-Revolução Mexicana e o Neoporfirismo a historiografia mexicana a partir dos anos de 1990.

<sup>4</sup> A tese principal de Gómez Galvarriato e Tenorio Trillo é a de que a historiografia atual ainda está marcada por uma “lenda negra” do Porfiriato, construída durante a Revolução Mexicana.

A partir da leitura das fontes, portanto, nosso objetivo não foi procurar uma verdade pura, essencial sobre Porfirio Díaz, mas compreender como o presidente foi representado durante seu período governamental. O escopo não é fazer um estudo apontando correções sobre Don Porfirio, como se existisse metafisicamente um personagem verdadeiro, cuja imagem foi distorcida ao longo dos períodos. Sobre esta questão, por exemplo, fazemos uma crítica direta ao trabalho do historiador Paul Garner que, em seu livro *Porfirio Díaz: del héroe al dictador una biografía política* (ed. 2003), comentou sobre a obra do periodista norte-americano John Kenneth Turner,

El retrato de Turner compendiaba al antiporfirismo: acusaba a Díaz de conspiración y traición, de inhumanidad, de brutalidad y duplicidad. De acuerdo con Turner, Díaz era el “asesino de su pueblo... y un cobarde ruin y vil... El presidente de México es cruel y vengativo y su país ha sufrido amargamente.” *Era una imagen muy distorsionada y Turner estaba preparado para usar anécdotas sin fundamento, incluso irrisorias, para lograr un efecto sensacionalista.* De hecho, las distorsiones de Turner eran poco más que una caricatura. Como evidencia de su inclinación a la crueldad, Turner citaba lo que él aseguraba era un “incidente” de la infancia de Díaz: “Cuando su hermano Félix lo molestaba por alguna trivialidad, Porfirio le ponía pólvora en el nariz y le prendía fuego”. (Grifo nosso) (GARNER, 2003, pp. 17-18).

O intuito não é a busca pela verdade sobre Porfirio Díaz ou, como criticaria Michel Foucault (1996), nossa “vontade de verdade”, mas compreender as transformações de um discurso, como a representação de Díaz transformou-se ao longo dos anos, entre o período de estabilidade do governo porfirista à eclosão do movimento revolucionário mexicano.

Além disto, as fontes históricas não foram analisadas como um epifenômeno do contexto, reflexo da realidade. Como argumentou Lynn Hunt na introdução do livro *A Nova História Cultural*, “os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los.” (2001: 18). Segundo Lloyd Kramer, “as crenças comuns sobre a oposição entre textos e realidades simplesmente não se sustentam, pois ‘o passado chega em forma de textos e remanescentes textualizados – memórias, relatos, escritos publicados, arquivos, monumentos, etc.’” (2001: 155).

Também foi relevante, na exploração das obras, não ter dissociado “forma” e “conteúdo”. “De fato, o único traço verdadeiramente distintivo da nova abordagem cultural da história (...) tem ensinado os historiadores a *reconhecer o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica.*” (KRAMER,

2001: 131-132 - Grifo nosso). Perceber como os trabalhos dos autores aqui analisados foram construídos, quais os argumentos utilizados, como foi disposta a estrutura narrativa das obras, etc., e não apenas levar em consideração o conteúdo que traziam, foi essencial para chegarmos a resultados mais elaborados. Retomando a explicação de Said, “os dados a serem observados são o estilo, as figuras de retórica, o cenário, os esquemas narrativos, as circunstâncias históricas e sociais, e não a correção da representação, nem sua fidelidade a algum grande original.”

Por fim, o objetivo, a partir das passagens acima, não foi fazer uma discussão ou um aprofundamento sobre crítica e teoria literária, mas partir da concepção de que é necessário analisar a forma de escrita, a estrutura narrativa desses escritores, o que nos ajudou na compreensão de seus trabalhos e na conclusão da monografia. Além disto, observando o que Kramer escreveu sobre Dominick LaCapra, este “nunca nega que as pessoas realmente sangram quando se cortam, mas também enfatizaria que todos os fenômenos materiais, (...) apresentam complexos significados simbólicos inextricavelmente ligados a tudo que chamamos de realidade.” (KRAMER, 2001: 171).

### **Estrutura da monografia**

O trabalho monográfico está estruturado da seguinte forma: foram elaborados dois capítulos, um analisando os livros dos três escritores mexicanos, Bernardo Reyes, Justo Sierra e Francisco Madero; e o outro os escritores estrangeiros, Alec-Tweedie, John Turner e James Creelman. A opção por esta estrutura do trabalho, seis autores agrupados três a três em dois grandes capítulos, foi importante para estabelecermos eixos entre as representações sobre o governo do presidente construídas pelos escritores do México, e pelos escritores estrangeiros, ficando, assim, mais perceptível as diferenças e semelhanças entre estas representações, bem como o porquê delas.

Ao longo destas duas partes buscamos expor os argumentos e reflexões dos autores, bem como relacioná-los entre si. Já na conclusão da monografia, retomamos os eixos centrais dos capítulos no intuito de entender como esses livros se aproximaram, ou se afastaram em propostas, buscando refletir como tais obras contribuíram para a formação de matrizes e matizes historiográficas sobre o Porfiriato. Diante de representações tão díspares, ou tão próximas, existiam projetos políticos a serem legitimados, bem como um ideal de governo a ser seguido.

**Capítulo 1- Passado caótico, presente pacífico: a reflexão de escritores mexicanos sobre o governo de Porfirio Díaz**

Los inicios de la historia nacional de México estuvieron marcados por brotes de proclama e reforma constitucional, pronunciamientos militares y golpes de estado, faccionalismo y guerra civil, y acentuados por guerras contra la invasión extranjera (de Estados Unidos en 1847-1848 y de Francia entre 1862 y 1867). La estabilidad política, medida por el cambio frecuente de gobierno y de ocupantes de la silla presidencial, fue la pérdida más obvia por este grado de turbulencia. Por ello, el contraste que representó la casi continua ocupación de Porfirio Díaz de la presidencia durante los 31 años posteriores a 1876 es considerable.

Paul Garner

O objetivo deste capítulo é discutir a representação do Porfiriato, bem como do próprio presidente Porfirio Díaz, na obra de três importantes indivíduos que viveram e escreveram durante seu regime governamental. O primeiro deles, Bernardo Reyes Ogazón (1850-1913) nasceu em Guadalajara e iniciou sua carreira militar ainda jovem, lutando sempre a favor do grupo liberal. Participou como soldado da guerra contra a intervenção francesa no México (1864-1867), contestando o governo do imperador Maximiliano de Habsburgo. Durante a presidência de Porfirio Díaz, assumiu o cargo de governador do estado de Nueva León e, em 1900, foi nomeado ministro de Guerra. Para esta monografia, verificaremos em seu livro *El General Porfirio Díaz*, escrito em 1902, como o governo de Díaz foi retratado como um período de estabilidade necessário ao crescimento do país.

Depois, passaremos à produção de Justo Sierra Méndez (1848-1912). Literato e político, foi Ministro da Suprema Corte mexicana e, posteriormente, ocupou o cargo de ministro de Instrução Pública e Belas Artes de Díaz. *Científico*, acreditava que a educação era sinônimo de fortificar o país. Publicou *México: su evolución social* (1900-1902)<sup>5</sup>, obra em três volumes, fartamente ilustrada, “que era un catálogo del progresismo porfiriano, fenómeno que abarcaba de la modernización del transporte a la reforma educativa, sanitaria, policial y carcelaria” (LOMNITZ 2008, 450). Segundo Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, “a obra

<sup>5</sup>É importante elucidar que entre 1900 e 1902 foi publicada no México uma obra organizada por Justo Sierra intitulada *México: su evolución social*. Ele próprio possuiu dois capítulos no livro, denominados “Historia política” e “La era actual” que, posteriormente, foram reeditados em 1940 sob o nome de *Evolución política del pueblo mexicano*, juntamente com o ensaio *México social y político*. Neste trabalho utilizaremos a reedição da década de quarenta do século XX.

dirigida por Sierra já era expressão do positivismo comtiano, claramente definido”. (2009, p. 41).

Com isso, verificaremos como Sierra criou outra forma de representar a tensão entre o passado turbulento do país, o presente pacificado e o futuro incerto entre o progresso absoluto advindo da pacificação ou dos perigos de uma ditadura. Para aquele intelectual positivista, o México fincara raízes de uma árvore da paz que só poderia dar bons frutos.

O terceiro, a exemplo de Reyes, tornou-se adversário político de Díaz. Francisco Ignacio Madero (1873-1913) vinha de uma família de fazendeiros importantes de Coahuila e, a partir de 1908, passou a fomentar críticas ao governo. Lançou uma campanha anti-reeleição para o pleito de 1910 e foi preso. Fugiu para tornar-se um dos líderes da Revolução Mexicana, sendo nomeado primeiro presidente após a renúncia de Díaz, em 1911. Seu principal trabalho foi *La sucesión presidencial en 1910: el partido nacional democrático*, escrito em 1908 e publicado em 1909.

Embora durante o referido período histórico tenham existido vários outros trabalhos que versaram sobre o governo de Díaz, a escolha das obras analisadas justifica-se pela contribuição que deram para mudanças de matizes e matrizes historiográficas sobre o porfirismo. Ainda que não sejam trabalhos de História propriamente, mas um misto de História contemporânea e de análise da situação política da época, são estudos recorrentemente citados no âmbito historiográfico profissional; ou seja, tornaram-se canônicos, formaram opinião e instituíram uma memória sobre o presidente.

O escopo não é reduzir os trabalhos dos autores pensando-os como um resultado de aspectos biográficos particulares (conquanto alguns pontos sejam importantes e serão mencionados ao longo do capítulo). A intenção é explicitar de que modo, a partir da memória de um passado caótico mexicano pós-independência, marcado por guerras civis e intervenções estrangeiras, criou-se no México uma imagem de Porfirio Díaz como o regenerador da nação mexicana, construtor de um país moderno, que conseguiu estabelecer a paz interna durante sua ocupação da primeira magistratura do país.

Em nenhum momento pretendemos dizer que os três autores mencionados acima possuem obras semelhantes. O livro de Reyes, como veremos, pode ser considerado de grande apologia ao governo porfirista, mas o de Sierra e principalmente o livro de Madero já são trabalhos que também possuem uma proposta de crítica ao regime presidencial, devido à perpetuação de Don Porfirio no poder (mesmo que por meio de reeleições) e a supressão dos partidos políticos no México.

Contudo, o eixo que norteará este capítulo, é justamente ressaltar que essa geração que viveu durante o Porfiriato ainda possuía a memória de um passado recente turbulento. Mesmo com a mudança de matriz historiográfica ocorrida com a obra de Francisco Madero, em que este passou a criticar a presidência mexicana (e isto será discutido), o autor ainda considerava Díaz um indivíduo que proporcionou estabilidade ao país e isso poderia redimi-lo.

Sendo assim, veremos a partir do livro do coahuilense uma mudança de representação acerca do Porfiriato, demonstrando uma forte crítica, embora muitas vezes velada, à permanência de Díaz na presidência da República. Entretanto, mesmo tendo passado a censurar veementemente o governo e apontá-lo como uma ditadura, vendo a figura de Porfirio Díaz como um indivíduo ambicioso e não tanto patriótico, como dizia Bernardo Reyes, ainda percebemos que o caótico passado mexicano é lembrado e a estabilidade interna que Díaz conquistou é reconhecida na obra. A crítica feita por Madero, e posteriormente pela geração revolucionária da segunda década do século XX, foi justamente a não-transição deste momento estável, pacífico, para o de um país mais livre, com partidos políticos atuantes no cenário público.

Sendo assim, essa crença das pessoas na paz durante o Porfiriato, para quem estuda a historiografia contemporânea ao governo de Don Porfirio, é fundamental como chave de leitura das obras analisadas. Como sintetizou o historiador francês François-Xavier Guerra, premissa da qual Mauricio Tenorio Trillo e Aurora Gómez Galvarriato (2006) também compartilham,

El porfiriato, antes de ser para los historiadores un período de crecimiento económico y de cambios sociales fue primero que nada, para aquellos que lo vivieron, la paz recobrada. La “perspectiva histórica” tan necesaria, falsea a veces la realidad; para nosotros y para los actores de la Revolución, la paz porfirista es a menudo un dato de base que sirve para explicar otros fenómenos de los que, efectivamente, fue el origen. Pero, ¿quién podría decir lo que la paz representó verdaderamente para los habitantes del México de fines del siglo XIX? ¿Y por qué y cómo se alcanzo esta paz? Para los mexicanos de la época, la paz fue el término de un período de disturbios en la historia del país, mientras que para nosotros no es frecuentemente, más que una premisa. (GUERRA, 1991, p. 212).

O delineamento que buscaremos nas próximas páginas não é apenas discutir autor por autor e explicitar como cada um construiu sua argumentação para escrever sobre o Porfiriato, mas entender que esta historiografia que se consolidou durante o governo de Díaz e, que de certa forma legitimou este governo, está marcada por esta visão de México turbulento pós-1810.

O capítulo será organizado em quatro tópicos, cada um abordando de forma mais detida um autor, mas o objetivo não será resumir obra por obra e sim discutir, a partir de alguns pontos importantes, como cada autor representou o governo e em que pontos eles diferem e em quais se aproximam.

## I. Que passado Mexicano é este?

Antes de adentrarmos propriamente na análise das obras aqui propostas, é necessário esclarecer sobre quais fatos históricos os autores estão se remetendo que, para eles, constituem este passado caótico mexicano, marcado por guerras civis e intervenções estrangeiras, pós-independência até 1876. Esta explicação se faz necessária uma vez que tal assunto será tema de todos os escritores analisados, tanto mexicanos, quanto estrangeiros.

A partir de 1821, com a proclamação da independência mexicana, o poder pelo país passou a ser disputado por dois grandes setores, o liberal e o conservador. Como tipos ideais, este setor defendia principalmente um retorno da ordem espanhola no México e a religião católica. Os liberais, ao contrario, “creían en la existencia de un indomable antagonismo entre los antecedentes históricos de México y su engrandecimiento futuro y en la necesidad de conducir a la patria por las vías del todo nuevas de las libertades de trabajo, comercio, educación y letras (...).” (GONZÁLEZ, 1994, p. 110). Segundo Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Fernanda Bastos, “mas essa pureza ideológica não era sempre observada, tendo os ideais moderados um maior número de seguidores”. (FERNANDES; BASTOS, 2011, p. 91).<sup>6</sup>

Durante o governo de Ignacio Comonfort, eleito em 1857, que expediu a Constituição liberal no mesmo ano, os conflitos entre os dois setores rivais ficaram ainda mais candentes, desembocando na chama Guerra da Reforma. Além disto, já no primeiro governo de Juárez, entre meados de 1859 e finais de 1860, foram promulgadas cinco leis (“Leis da Reforma”) que separavam Igreja e Estado; tais leis fizeram com que a Igreja perdesse muita força no México. Já o setor conservador, entre os anos de 1884 e 1887, respaldou o “Segundo Império” mexicano governado pelo imperador europeu Maximiliano de Habsburgo, mas em

---

<sup>6</sup> É importante salientar que o setor conservador e o liberal no México são entendidos neste texto como tipos ideais. Não havia uma pureza de idéias no interior de cada um, sendo os indivíduos moderados em maior número no país. Para um aprofundamento sobre este assunto ver: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria mestiza: memória e história na invenção da nação mexicana entre os séculos XVIII e XIX*. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH-Unicamp, 2009.

1867 as tropas liberais conseguiram derrotar o arquiduque austríaco do poder e restaurar a república liberal (República Restaurada).<sup>7</sup>

Natalia Priego abordou em seu trabalho essas intervenções sofridas pelo México na primeira metade do século XIX. Segundo a autora, em 1836 o país, sob o governo do general e presidente Antonio López de Santa Anna, perdeu a província do Texas que, em 1845, foi anexada aos Estados Unidos. Além disto, entre 1846 e 1848 um novo conflito eclodiu, fazendo com que o país perdesse mais da metade do território mexicano para os Estados Unidos. Citamos,

In the ensuing war of 1846-1848, provoked by US aggression on the border between Texas and México and by a naïve Mexican belief in the capacity of its army to resist an invasion from the United States, Mexico lost not only California but also New Mexico and Arizona, thereby concluding the process whereby its expansionist northern neighbor deprived it of half the nation territory inherited from Spain in 1821. (PRIEGO, 2008, p. 474).

Por conta de tantos conflitos, um dos grandes projetos liberais quando de seu triunfo na condução do país, em 1867, era o de “pacificar o México”. Tal projeto visava ao ingresso do país no rol de nações civilizadas, assinalando o progresso que disso adviria. Para que isso ocorresse, acreditava-se necessário que as instituições e leis fossem respeitadas, e que um governo justo disso adviesse, mantendo-se em conformidade com a legislação.

Foi então que, desde 1876, e durante mais de 30 anos, o país ficou nas mãos de apenas um homem. Embora tenha havido outros presidentes até o estalar da Revolução Mexicana, o México gravitou ao redor de Porfirio Díaz. Naquelas décadas, esse momento de estabilidade política que os anos do Porfiriato pareciam significar não passou despercebido.

## **II. México regenerado: passado caótico e o governo da lei na obra de Bernardo Reyes**

O livro *El General Porfirio Díaz* foi escrito por Bernardo Reyes no ano de 1902, época de estabilidade do governo do presidente. Reyes possuiu no México a patente de general, participando, como Díaz, de vários conflitos no país e, durante o governo deste, foi governador do estado de Nueva León e Ministro de Guerra. Seu livro pode ser dividido claramente em duas grandes partes, sendo a primeira referente aos feitos militares de Díaz

---

<sup>7</sup>Explicou Priego: “In the same period the task of trying to construct a national identity was further complicated by the persistent fear of attempted re-conquest by Spain, and repeated interference in the country’s international affairs by France and Britain, which would culminate in a large-scale invasion in 1861-1862 (initially supported by Spain and Britain) which turned into an alliance with conservative groups in 1863 to re-establish monarchy in the person of an imported European prince, Maximilian von Hapsburg.” (PRIEGO, 2008, p. 474).

antes de tornar-se presidente da República, descrevendo detalhadamente a participação do general em vários conflitos<sup>8</sup>, e, a segunda, já sendo ele primeiro magistrado do país. As fontes utilizadas por Don Bernardo para dar legitimidade ao seu trabalho foram as memórias escritas pelo próprio presidente em 1892<sup>9</sup>, bem como os discursos de abertura das sessões ordinárias do Congresso Nacional mexicano, proferidos semestralmente pelo próprio Díaz.

Logo no início de seu trabalho, Bernardo Reyes, ao escrever sobre o nascimento de Porfirio Díaz, uniu a vida deste à própria trajetória da história do México, tendo como chave a remissão ao evento conhecido como “Grito de Dolores”. O dia 15 de setembro de 1810 é considerado no México o início da luta pela independência do país, em que o pároco Miguel Hidalgo y Costilla, hoje considerado o primeiro herói da Independência, lançou na vila de Dolores o famoso grito que iniciara o movimento independentista: ¡Viva la Virgen de Guadalupe! ¡Abajo el mal Gobierno! ¡Viva Fernando VII!<sup>10</sup>

Escreveu, portanto, Don Bernardo acerca do nascimento de Díaz,

Viene el general Díaz á la vida en el año de 1830; nace en Oaxaca el 15 de Septiembre de ese año, día que es aniversario de aquel en que Hidalgo profiriera, con fulminante inspirado acento, en 1810, en el pueblo de Dolores, el sublime grito de *Independencia*, que repercutiendo atronador por valles y montañas, hasta los más apartados confines del virreinato del México, levantó en armas á un pueblo siervo, que tras de once años de lucha heroica, rompió las cadenas que lo ataran por trescientos años á la metrópoli española, para así formar una nación independiente y soberana.  
¡Coincidencias inexplicables, pero que por su enlace magnífico hablan de algo inescrutable y grande! Aparece el predestinado para defender y transformar brillantemente á México, en ese aniversario glorioso del grito heroico por su independencia. (Grifo no original) (REYES, 1960 [1902], p. 09).

<sup>8</sup> É importante destacar que os conflitos perdidos por Díaz e seu exército foram transformados por Bernardo Reyes em vitórias morais. Um exemplo específico foi o ocorrido em Mitla em que disse o autor descrevendo a perda da batalha pelas tropas do coronel: “Aquel grupo de veteranos del 2º Batallón de Oaxaca, resto glorioso, reliquia que había quedado de las compañías que, bravas en todas partes, habían sido el núcleo, el nervio de acción de duras campañas y desiguales combates; aquel grupo, rodeando a su campeón [Porfirio Díaz] que los había siempre llevado á la victoria, lo acompañó integérrimo, sublime á la hora de la derrota, y se retiró organizado, dejando ver que los héroes también en la desgracia se muestran admirables. ¡Ah, sí!, ¡más, muy más grandes que á la hora de los triunfos!” E na página seguinte concluiu: “La victoria no es una obligación, pero sí lo es el seguir sin desmayar nuestras banderas después de que ella nos ha herido, como las siguió sin tregua el coronel Díaz, mostrándose cada día más esforzado aún, como si se hubiera mejor templado con la caldeante llama del infortunio.” (REYES, 1960 [1902], pp. 58 e 59).

<sup>9</sup> As memórias de Porfirio Díaz não se referem aos seus feitos como presidente, mas sim como militar (até a época da República Restaurada, 1867).

<sup>10</sup> Como escreveu Luis Villoro: “(...) la noche del 15 de Septiembre, en la villa de Dolores, de la que es pároco, llama en su auxilio a todo el pueblo, libera a los presos y se hace de las armas de la pequeña guarnición local. El movimiento ha dado un vuelco. La insurrección ya no se restringe a los criollos letrados. A la voz del cura ilustrado, estalla súbitamente la cólera contenida de los oprimidos. La primera gran revolución popular de la América hispana se ha iniciado.” (VILLORO, 2000, p. 504).

Nota-se na citação acima que Reyes mobilizou dois conceitos opostos ao dizer sobre o nascimento do futuro presidente da República, “coincidências” e “predestinação”, mas, ao final da idéia, o autor optou pelo caráter predestinado do nascimento de Díaz no mesmo dia em que o padre Hidalgo proferiu o grito de Independência do Vice-reino do México dando, assim, um caráter divino ao acontecimento. Porfirio Díaz, para o tapatío, é visto como o homem cujo destino seria regenerar um país cindido por guerras intestinas e intervenções norte-americanas e francesas, que por tempos ameaçaram a soberania e a independência do país.

Embora a análise da construção da figura de Díaz como um herói militar seja importante para compreendermos a visão de um passado mexicano caótico construído por Reyes, o objetivo é demonstrar a construção do presidente-herói, e como este gerou estabilidade ao país. Don Bernardo estabeleceu a autoridade da obra baseando-se, como dito acima, nos escritos do próprio Porfirio Díaz e, para dar um tom imparcial à obra, referiu-se a si mesmo, quando necessário, na terceira pessoa do singular.

Em todo o livro, tanto nos feitos militares, quanto como presidente, Porfirio Díaz se colocou *pela* nação, ou seja, para Reyes, foi patriotismo de Díaz que o moveu e o fez tomar suas atitudes. O próprio episódio da renúncia do general ao Exército, no dia em que Benito Juárez, então atual presidente, entrou triunfante na cidade do México após a vitória das tropas oficiais contra o imperador europeu Maximiliano de Habsburgo<sup>11</sup>, foi justificado pelo tapatío devido ao fato do general não estar mais satisfeito com os rumos da administração juarista. Além disto, quando o mesmo se levantou contra o segundo mandato de Juárez, na chamada Revolução de “La Noria” e, principalmente, na de “Tuxtepec”<sup>12</sup> (esta contra a reeleição de Sebastián Lerdo de Tejada), o discurso também foi devido ao patriotismo do futuro presidente, tudo em benefício da nação.

---

<sup>11</sup>Entre os anos de 1864 e 1867 o México foi governado por um arquiduque austríaco, amparado pelo setor conservador do próprio país e protegido pelos franceses, que o apoiavam militarmente.

<sup>12</sup>Segundo Bernardo Reyes, Benito Juárez, ao entrar na cidade do México em 1867, tomou a medida de reduzir o contingente militar, retirando alguns importantes indivíduos de seus cargos no Exército. Além disto, no dia 14 de agosto do mesmo ano o presidente expediu um plebiscito convocando o povo mexicano a votar pelo aumento do poder Executivo, o que acabou gerando uma divisão entre os membros do grupo liberal, e uma conseqüente guerra civil entre eles. Diante deste cenário conflituoso, em 1871 Díaz expediu seu “Plano de La Noria” contra o segundo mandato governamental de Juárez alegando “que se había falseado el voto público” (1960 [1902], p. 261). Contudo, nesta mesma época o presidente morreu e o Plano de Díaz perdeu razão de ser.

No ano de 1876, já sob o governo de Sebastián Lerdo de Tejada, presidente da Suprema Corte que, à morte de Juárez, tomou posse da primeira magistratura, Díaz novamente lançou um Plano que desconhecia Lerdo como presidente, sendo um dos principais artigos a proposta de não-reeleição. Porfirio Díaz, portanto, saíra vencedor contra as forças lerdistas na batalha em Tecoac, estado de Puebla.

Um dos momentos mais importantes do livro diz respeito à ascensão de Díaz à primeira magistratura mexicana. Como demonstra o trecho abaixo, Reyes acreditava em um bom futuro mexicano, um porvir feliz sob o governo de Porfirio Díaz, indivíduo que iria trazer prosperidade ao país. Com todos os conflitos e problemas por que passava o México, só mesmo o “predestinado” poderia gerar estabilidade e paz à nação. Escreveu o autor,

A fin de dar ser constitucional al Gobierno, el vencedor [Porfirio Díaz] expidió la convocatoria para las elecciones de los poderes; y á virtud de ella se reunió en el mes de Abril el Congreso electo, declarándolo Presidente de la República en Mayo de 1877, previa la computación de los votos respectivos.

Ya estaba al frente de los destinos de la nación aquel hombre que había aspirado á ello, con el fin de procurar su engrandecimiento: habíase confirmado en los comicios la posición que le diera el triunfo del Plan de Tuxtepec.

¡Inmensa deuda había contraído para con sus conciudadanos, y llegaba la hora de satisfacerla!...

El compromiso era solemne é imponía tareas titánicas, ante cuya perspectiva se hubiera sentido anonadado cualquier estadista ilustre, cualquier afortunado vencedor, pero no quien con el genio del vidente, con la energía del gladiador, desarrollada en grandes luchas; con la fe del triunfador, con la iniciativa del gobernador providente, y con el amor á la patria del que hiciérase glorioso combatiendo á muerte por ella, había medido de antemano, con olímpica serenidad y con intuición profética, lo formidable de la empresa á que se arrojara, y entrevisto con los ojos de la mente la realización feliz de sus proyectos colosales...

Al solitario de Oaxaca en 1870, á fuerza de encender su pensamiento en los grandes ideales patrióticos, habíase mostrado la visión de la República feliz. Y el vidente se sintió impulsado, volando á realizar los propios destinos, en busca de aquella anhelada prosperidad para México. (REYES, 1960 [1902], p. 267).

Sobre o período governamental de Díaz, Reyes destacou o amor à pátria do presidente pelo México, a transformação do país em uma nação moderna que, sob seu governo, passou a vivenciar uma situação de paz, ordem e grande progresso material. Reproduzindo trechos dos documentos oficiais, Don Bernardo destacou os grandes feitos materiais do país, a construção das estradas de ferro, dos telégrafos, a construção de hospícios, bancos, escolas, do Desagüe del Valle, que na época era símbolo de salubridade pública, entre outros<sup>13</sup>. Além disto, foi dada ênfase na organização da “Hacienda” pública, ou seja, ao equilíbrio econômico dos egressos e ingressos do país conseguido pelo presidente entre os anos de 1895-1896. Como escreveu o tapatío acerca deste acontecimento,

<sup>13</sup> “Los tiempos en que para tener noticia de alguna parte del país se demandaba el transcurso de medio mes, y de uno ó dos meses más para que alguna fuerza puesta en campaña llegara á ella, eran propicios, naturalmente, á las revueltas; pero el telégrafo y el ferrocarril las hicieron difíciles y contribuyeron á consolidar la paz y tranquilidad públicas, que atrajeron el capital extranjero para que viniera á derramarse en nuestro territorio, erigiendo fábricas y talleres é innúmeras industrias.” (REYES, 1960 [1902], p. 298)

La obra estaba hecha, *la nación regenerada*; el México moderno saludó gozoso á los pueblos cultos al entrar de lleno en la nueva era de su historia, que señala la época de la gestión administrativa de que nos hemos ocupado en los tres últimos capítulos de esta biografía; biografía que ha necesitado extensas páginas, ya que se ha tratado escribir la vida de un héroe y de un estadista que con sus proezas en la guerra y en la paz ha fatigado los ecos de la Fama. (Grifo nosso) (REYES, 1960, p. 313).

Percebe-se que Reyes utilizou a noção de “nação regenerada”, ou seja, Don Porfirio conseguiu durante seu governo gerar novamente a nação Mexicana, criando um país estável, pacífico e moderno. Enquanto percebemos que a primeira metade do século XIX, pós-independência, foi representada como conflituosa, em que o governo de Benito Juárez, antes da República Restaurada, por exemplo, foi itinerante, tendo que se instalar em vários estados devido às disputas entre o grupo liberal e o setor conservador do país; a partir de 1876 já percebemos uma estrutura organizada de governo, base para o desenvolvimento nacional.

Quando o tapatío escreveu a respeito da reeleição de Don Porfirio em 1884, ficou clara a justificativa de que aquela era uma vontade popular; em nenhum momento do livro o autor denominou o presidente de ambicioso ou egoísta, como veremos, por exemplo, nas obras de Francisco Madero e do periodista norte-americano John Kenneth Turner (capítulo dois). Para o autor, Díaz foi chamado pelo voto público<sup>14</sup> para retornar à primeira magistratura do país, posteriormente ao mandato de Manuel González<sup>15</sup>. As várias reeleições do presidente também se justificaram por uma vontade popular, em nenhum momento Reyes classificou o governo porfirista de ditador ou despótico. Escreveu,

---

<sup>14</sup>Neste ponto achamos importante destacar que, mesmo Bernardo Reyes não sendo um crítico do governo porfirista, existiu no México um movimento popular conhecido como “Reyismo”. Reyes possuía grande popularidade no país e quando da notícia, em abril de 1909, de que eram candidatos para as eleições de 1910 Porfirio Díaz e Ramón Corral, muitos indivíduos passaram a almejar Reyes para o cargo, pedindo que Don Porfirio reconsiderasse sua escolha. Segundo Artemio Benavides Hinojosa (1998), entre maio e junho do mesmo ano vários clubes foram organizados tanto na capital, quanto nos estados, com a proposta de que Reyes fosse o vice-presidente. Contudo, diante desta situação o próprio Reyes não tomou nenhuma atitude, negando-se a encabeçar o movimento e partindo para Paris (a pedido do presidente) em novembro de 1909. Como escreveu Benavides, “frente a la elección presidencial de 1910, son los reyistas los más importantes protagonistas, no el general Reyes que ‘no hizo entonces –ni nunca – acto público de candidatura. Todo el episodio reyista permanece caracterizado por esta ambigüedad permanente: la de un movimiento extremadamente popular, en que el candidato jamás quiso ponerse a la cabeza de sus tropas” (BENAVIDES 1998, p. 292).

<sup>15</sup> “Cuando tanto anhelo habíase manifestado por la prosecución del General Díaz en el poder, desde que se efectuara anteriormente el cambio de personal en el supremo gobierno, en 1880, era de esperarse que en la renovación de 1884 fuese llamado por el voto público, nuevamente, á la Presidencia de la República aquel ilustre gobernante.

Cierto malestar, que fue rápidamente tomando creces, hubo de experimentarse en la nación en los últimos tiempos del período del General González; pero la esperanza en el general Díaz tuvo en suspenso los ánimos, y su vuelta á la primera magistratura de la nación era esperada con ansiedades que parecían desbordarse.” (REYES, 1960 [1902], p. 282).

La Carta fundamental, que había sido reformada en el sentido de que no fuese aceptada la reelección del Presidente de la República, sufrió nuevas reformas, desde Octubre de 1887, contrariando aquel principio; y en 1888 el General Díaz fue agraciado por el voto público para seguir al frente de los destinos de la nación, sucediendo lo mismo en cada uno de los períodos subsecuentes.

La opinión se pronunció resueltamente por la reelección, cuando estuvo al frente del Gobierno el hombre que llegó a ser un símbolo de prosperidad nacional. (REYES, 1960 [1902], p. 286).

Portanto, na obra de Bernardo Reyes, Porfirio Díaz é representado como um herói, o indivíduo que conseguiu pacificar o México ou, como dito acima, tornar a gerar um país que por tempos foi ameaçado de perder sua independência e soberania. A todo o momento do livro percebemos como Don Bernardo expôs uma noção de que houve uma “segunda independência” mexicana sob o Porfiriato. Como escreveu,

México en paz, ofreció tales seguridades al hombre y á sus intereses que ello le dio fama, y llegó á todas partes del globo la noticia de las garantías que en el país se disfrutaban.

Se extendió la buena nueva, y el país aquel, de abolengo anárquico, se presentó de forma tal ante la consideración de los otros pueblos, que sabían de improviso el estado de su florecencia, que se reputó su progreso maravilloso; y todas las miradas buscaron al promotor de sus adelantos, al autor de la transformación nacional, y vieron al héroe de una leyenda que sobre el removido, sangriento campos de luchas, venía regando bienes, y hacía surgir del antiguo al brillante México moderno. (REYES, 1960, [1902], p. 299).

Segundo Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Fernanda Bastos, ao escreverem sobre a obra de Reyes,

(...) [para o tapatío] no cenário internacional das nações civilizadas, o México podia, ao livrar-se de seu “avoengo passado anárquico”, desfrutar de um merecido lugar. Era local de leis e instituições sólidas. Esta situação se devia ao herói Díaz e o povo anuava com isso. Não só a população mexicana aplaudia a pacificação do passado e projetava um “brilhante México moderno”, como também todos os povos do mundo já tinham ciência disso. (FERNANDES; BASTOS, 2011, p. 97).

### **III. A árvore da paz definitiva: Justo Sierra e a visão evolucionista da nação mexicana sob o governo de Díaz**

Justo Sierra foi membro da chamada elite científica porfirista<sup>16</sup>. Participou ativamente da União Liberal Nacional, grupo criado no ano de 1892 que, mesmo apoiando e propagandeando as reeleições do presidente, não deixou de criticar algumas posturas adotadas por ele. Como escreveu Luis González, “fue un grupo [os Científicos] que más de una vez censuró con mucha mano izquierda la obra de Porfirio Díaz desde una plataforma política dada a conocer desde 1892 en famosa convención.” (2000, p. 674). Segundo o historiador inglês Paul Garner,

El vehículo de desafío al poder ejecutivo, desde el interior del círculo de asesores más allegados, fue la Unión Liberal Nacional, formada en 1892, que surgió del Consejo central porfirista que se formó el mismo año para promover la tercera reelección de Díaz. Como lo explica Charles Hale, no había contradicción en el apoyo a la tercera reelección de Díaz y, al mismo tiempo, la propuesta de que la reelección debía ser la excepción, pero no la regla. Como lo afirmó Justo Sierra, abogado, periodista, primer secretario de Instrucción pública después de 1905 y uno de los intelectuales más destacados de la época, en el manifiesto de la Unión Liberal: “Si la paz efectiva se ha conquistado por medio de la vigorización de la autoridad, la paz definitiva se conquistará por medio de su asimilación con la libertad.”<sup>17</sup> (GARNER, 2003, p. 206).

Embora Justo Sierra tenha criticado algumas posturas da presidência de Porfirio Díaz, principalmente, nos últimos mandatos, a falta de partidos políticos no México, procuraremos compreender como no ensaio “La era actual” encontrado no livro *México: su evolución social*, o autor legitimou em um primeiro momento a concentração de poder nas mãos do presidente, embora acreditasse ser tal medida perigosa para o desenvolvimento de um governo democrático. Don Justo Sierra não deixou de criticar a falta de liberdade política que existiu no México porfirista, mas em certa medida justificou a necessidade de uma maior concentração de poder nas mãos de Don Porfirio, já que era necessário acabar com os conflitos no país.

---

<sup>16</sup> “Los Científicos”, como assim ficaram conhecidos, foram intelectuais da época de Porfirio Díaz, que, além de fazerem parte de seu governo, ocuparam importantes cargos como o Ministério de Hacienda, Fomento e Relaciones Exteriores. Alguns deles foram José Yves Limantour, Justo Sierra Méndez e Francisco Bulnes. Tais intelectuais estavam amplamente influenciados pelo positivismo de Augusto Comte.

<sup>17</sup> Este trecho do manifesto de Justo Sierra foi retirado por Paul Garner da obra de Charles Hale: *The transformation of Liberalism in Late Nineteenth-Century Mexico*. Segundo Fernandes e Bastos: “Hale é autor de uma trilogia muito conhecida sobre o liberalismo mexicano: *Mexican Liberalism in the Age of Mora 1821-1853* (1968), *The transformation of Liberalism in Late Nineteenth-Century Mexico* (1989) e *Emilio Rabasa and the Survival of Porfirian Liberalism* (2008). Diferentemente do que Jesús Reyes Heróles afirmou anos antes em *El Liberalismo Mexicano* (1957-1961), Hale acreditava o liberalismo e o positivismo não eram totalmente opostos, sendo as ideias do segundo adotadas pelo primeiro durante a segunda metade do século XIX. Criticando a proposta de Reyes Heróles, para quem o Porfiriato seria a negação do liberalismo, Hale defendeu que, a partir de 1867 até 1878, o liberalismo no México se estabeleceu principalmente como “mito político unificador” (1991, p. 15), sendo posteriormente agregadas ideias positivistas a ele”. (2011, p. 98).

O autor iniciou a parte de seu livro falando como a situação de guerra civil deixou o país até o período anterior a 1876. Escreveu o advogado, “el país estaba desquiciado; la guerra civil había, entre grandes charcos de sangre, amontonado escombros y miserias por todas partes; todo había venido por tierra (...).” (SIERRA, 1940, p. 280). Segundo Fernandes e Bastos,

Justo Sierra, pelo que percebemos, preocupava-se com a situação de guerra civil por que passava o México. Não acreditava que o quadro do passado antes de Díaz era apenas caótico, como defendia Reyes, mas que havia destruído o México fisicamente. O texto de Sierra reduz o país pré-Díaz a escombros e miséria, a um local onde nada mais parava de pé. Como em um romance, o prólogo prenunciava o que estava por vir: a reconstrução ocorrida durante o Porfiriato. (FERNANDES; BASTOS, 2011, pp. 98-99).

No prólogo feito ao seu livro, Abelardo Villegas escreveu que em 1878 o advogado, juntamente com alguns conhecidos, organizou um periódico intitulado *La Libertad*, que propunha justamente o fim das disputas entre o setor conservador e liberal do país. Segundo o historiador, “el periódico mismo eleva[va] el epíteto de ‘diario liberal conservador’ y enfoca[va] la cuestión nacional con las armas del positivismo comtiano y del organicismo spenceriano (...).” (VILLEGAS, 1985, p. XIV).

Além do cenário interno descrito por Sierra devido às disputas abaixo do Rio Grande, a imagem que se formava do México no exterior, principalmente na vizinha do norte, também era preocupante<sup>18</sup>. Escreveu o autor,

Estaba probado; México era un país ingobernable, los Estados Unidos debían poner coto a tanto desmán, ya que Europa era impotente para renovar la tentativa. Los sociologistas nos tomaban como ejemplo de la incapacidad orgánica de los grupos nacionales que se habían formado en América con los despojos del dominio colonial de España, y el ministro de los Estados Unidos asumía una actitud de tutor altivo y descontento ante el Ejecutivo revolucionario.” (SIERRA, 1940, p. 281).

Referindo-se a esta situação, Sierra escreveu que a vontade do povo mexicano era a de que existisse paz no país<sup>19</sup>. Tendo em vista tal aspecto, comparando com a obra de Reyes, Sierra também tangeu a mesma questão da necessidade de pacificar o México presente na obra do tapatío, embora em seu trabalho já encontremos certas críticas direcionadas ao governo, mesmo que sutis. Ao falar sobre o regime presidencial de Porfirio Díaz, o autor escreveu que o presidente estabeleceu seu poder sobre esse desejo popular, unânime, de paz interna. Argumentou,

<sup>18</sup> Percebemos em Sierra, como em Reyes e no próprio Madero, a preocupação de perda de soberania do México frente aos Estados Unidos.

<sup>19</sup> “Pocas veces se habrá visto en la historia de un pueblo una aspiración más premiosa, más unánime, más resuelta.” ((SIERRA, 1940, p. 281).

Sobre ese sentimiento bien percibido, bien analizado por el jefe de la revolución triunfante [desejo de paz], fundó este su autoridad; ese sentimiento coincidía con un propósito tan hondo y tan firme como la aspiración nacional: hacer imposible otra revuelta general. Con la consecución de este propósito, que consideraba, ya lo dijimos antes, como un servicio y un deber supremo a un tiempo, pensaba rescatar ante la historia la terrible responsabilidad contraída en dos tremendas luchas fratricidas [“revolta de La Noria” e “revolução de Tuxtepec”]: la sangre de sus hermanos le sería perdonada si en ella e de ella hacía brotar el árbol de la paz definitiva. (Grifo nosso) (SIERRA, 1940, p. 282).

Segundo Fernandes e Bastos, para Don Justo,

Se o México estava reduzido a escombros, desolado, a vontade da nação por paz era diametralmente oposta. Sólida, firme, mas representada por um buraco profundo que deveria ser preenchido pela paz. Logo, a “árvore da paz definitiva” tinha, por conseguinte, raízes igualmente profundas, capazes de ocupar esse enorme espaço de expectativa e ansiedade pela própria pacificação. Para que ela se enraizasse, mesmo os pecados de origem que a geraram, como o “sangue derramado dos irmãos”, haveriam de ser perdoados. Com Díaz, o México chegara a uma encruzilhada: pacificação completa ou caos absoluto. (FERNANDES; BASTOS, 2011, p. 100).

Para que Díaz conseguisse gerar esta estabilidade ao país o literato explicou que o presidente fundou sua autoridade na fé e no temor dos mexicanos para com ele, ou seja, segundo as idéias de Don Porfirio, era necessário que ao mesmo tempo em que a população do país tivesse fé em sua figura e em seu governo, não podiam deixar de temê-lo<sup>20</sup>. É importante ressaltar que Sierra deixou clara a diferença entre temor e terror, sendo este “instrumento de despotismo puro.” (SIERRA, 1940, pp. 282-283).

Um exemplo dado por Don Justo Sierra sobre o temor que os mexicanos deveriam ter do presidente foi o episódio da conspiração dos partidários lerdistas (contrários ao Porfiriato) durante o início do primeiro mandato presidencial de Díaz, uma vez que o governo sufocou a possibilidade de eclosão de qualquer manifestação. Descrevendo o episódio, sublinhou o autor,

“(…) a punto de estallar en terrible conflagración, fueron [os conspiradores] apagados en sangre: el siniestro estaba conjurado. La emoción fue extraordinaria: hubo protestas y dolor; muchos inocentes perecieron sacrificados, pero la actitud del presidente sorprendió; el temor, gran resorte de gobierno (...) se generalizó en el país. La paz era un hecho; ¿sería duradera?” (SIERRA, 1940, pp. 282-283).

Para Fernandes e Bastos, portanto,

<sup>20</sup> “La fe y el temor, dos sentimientos que, por ser profundamente humanos, han sido el fundamento de todas las religiones tenían que ser los resortes de la política nueva. Sin desperdiciar un día ni descuidar una oportunidad, hacia allá ha marchado durante veinticinco años el presidente Díaz; ha fundado la religión política de la paz.” (SIERRA, 1940, p. 282).

(...) embora o autor não explique de forma direta o que seria o conceito de temor, podemos inferir a partir do exemplo dado acima. Dessa forma, chegamos à conclusão que o temor era algo que deveria ser perene como sentimento, mas não deveria ser exercido como poder o tempo todo. Em momentos de tribulação, o presidente deveria ser implacável, até mesmo impiedoso. Mas, passado o perigo, a normalidade deveria se instalar. O temor de um novo momento no qual o rigor governamental tivesse que ser acionado encarregar-se-ia de manter a paz. (FERNANDES; BASTOS, 2011, p. 100).

Ao falar sobre a volta de Díaz ao poder em 1884, Sierra também expôs, como Reyes, a noção de que o ex-presidente voltou a ocupar a primeira magistratura devido à vontade nacional, já que havia um receio no país de que este passasse novamente por conflitos civis. A justificativa de a população ter outra vez escolhido Díaz, segundo Sierra, foi a expectativa de que Don Porfirio restabelecesse a ordem e procurasse nivelar as finanças do país, ações que não foram efetivadas durante o governo anterior, do general Manuel González. Como escreveu,

Algo así como una colérica unanimidad había vuelto al antiguo caudillo de la revolución al poder; los acontecimientos de la capital parecían indicio cierto del estado precario de la paz y de la facilidad con que podría caerse en las viejas rodadas de la guerra civil; la anarquía administrativa y la penuria financiera daban a la situación visos de semejanza con la del período final de la legalidad de 76, y a todos parecía que se habían perdido ocho años y que había que recomenzarlo todo; la opinión imponía el poder al presidente Díaz como quien exige el cumplimiento de un deber, como una responsabilidad que se hacía efectiva. (SIERRA, 1940, p. 287).

Para que Díaz conseguisse efetivar as tarefas que necessitava o país<sup>21</sup>, era necessário que ele concentrasse a maior soma de poderes em suas mãos. O autor destacou quatro autoridades que eram necessárias ao presidente, a autoridade legal, ou seja, o respaldo constitucional que ele possuía, uma vez que tinha sido eleito primeiro magistrado mexicano; autoridade política, que para Sierra seria o poder de dirigir as câmaras responsáveis pelas leis do país, bem como o governo dos estados mexicanos; autoridade social, que como escreveu, o constituiria “en supremo juez de paz de la sociedad mexicana con el asentimiento general, ese que no se ordena, sino que sólo puede fluir de la fe de todos en a rectitud arbitral del

---

<sup>21</sup>Sobre as atitudes que precisavam ser tomadas no país escreveu Sierra: “En la enorme bancarrota política de ochenta y cuatro, el pasivo era abrumador; había que rehacer nuestro crédito en el exterior, sin el cual no habríamos podido encontrar las sumas necesarias para llevar a cabo las grandes obras del porvenir, haciendo recaer la obligación principal sobre el porvenir así favorecido, y esa obra parecía imposible vista la impopularidad ciega del reconocimiento de la deuda inglesa, clave de ese crédito; había que rehacer la desorganizada Hacienda y era preciso comenzar por una suspensión parcial de pagos; había que prestigiar la justicia, que imponer el respecto a la ley, que deshacer ciertas vagas coaliciones de los gobiernos locales, señal segura de debilidad morbosa en la autoridad del centro; había que dar garantías serias, tangibles, constantes al trabajo en su forma industrial, agrícola y mercantil... tal era el pasivo.” (SIERRA, 1940, p. 288).

ciudadano a quien se confia la facultad de dirimir los conflictos” (1940, p. 288). A quarta autoridade seria a moral, que consistia em um *modus vivendi* de uma pessoa que se manifesta, externaliza-se, por um lugar, que no caso de Don Porfirio, seria o México.

Para Sierra, o presidente estabeleceu a paz no país:

“(…) y era está, no huelga decirlo aquí, la última de las tres grandes desamortizaciones de nuestra historia: la de la Independencia, que dio vida a nuestra personalidad nacional; la de la Reforma, que dio vida a nuestra personalidad social, y a la de la Paz que dio vida a nuestra evolución total. Para realizar la última, que dio todo su valor a las anteriores, hubimos de necesitar, lo repetiremos siempre, como todos los pueblos en las horas de las crisis supremas, como los pueblos de Cromwell y Napoleón, es cierto, pero también como los pueblos de Washington y Lincoln y de Bismarck, de Cavour y de Juárez, un hombre, una conciencia, una voluntad que unificase las fuerzas morales y las trasmutase en impulso normal; este hombre fue el presidente Díaz. (SIERRA, 1940, p. 289).

A partir da passagem acima, segundo Fernandes e Bastos,

Juárez e Díaz eram equiparados entre si, mas também com Cromwell e as tribulações da história inglesa do XVII; com Napoleão e a França revolucionária do início do XIX, bem como a Washington (e a independência americana) e Lincoln (durante a Guerra Civil no mesmo país); Bismarck e Cavour para a formação da Alemanha e da Itália, respectivamente. Grandes homens guiam os seus países em momentos de crise, fazendo surgir do caos uma regeneração capaz de dar sentido à História, na medida em que a fazem avançar para um estágio mais evoluído que o anterior. No caso mexicano, a terceira etapa histórica, a Paz, teria validado os degraus anteriores na escada da formação da Nação. Díaz coroava um longo processo. Mais que coroar, dava sentido a eles. (FERNANDES; BASTOS, 2011, p. 102).

Sendo assim, o governo de Don Porfirio foi legitimado pela população mexicana. Mas, é imprescindível destacar que percebemos por parte do autor um receio de que estes poderes delegados ao presidente prejudicassem a realização de um governo democrático. Como veremos ao final do trecho abaixo, na última frase ele apenas disse, sem desenvolver a idéia, que a população, com essa atitude de deixar Díaz no poder, não estivesse equivocada. Citamos,

Y esa nación que en masa aclama al hombre, ha compuesto el poder de este hombre con una serie de delegaciones, de abdicaciones si se quiere, extralegales, pues pertenecen al orden social, sin que él lo solicitase, pero sin que equivocase esta formidable responsabilidad ni un momento; y ¿eso es peligroso? Terriblemente peligroso para lo porvenir, porque imprime hábitos contrarios al gobierno de sí mismos, sin los cuales puede haber grandes hombres, pero no grandes pueblos. Pero México tiene confianza en ese porvenir, como en su estrella el presidente; y cree que, realizada sin temor posible de que se altere y desvanezca la condición suprema de la paz, todo vendrá luego, vendrá á su hora ¡Que no se equivoque!... (Grifo nosso) (SIERRA, 1940, p. 289).

A conclusão que chega Sierra após toda a explicitação do atual governo é a que o regime de Díaz não podia ser considerado, devido a suas várias reeleições, uma forma de despotismo clássico, como muitos se referiam. Deveria sim ser visto como uma “ditadura social” ou um “cesarismo espontâneo”, uma vez que seu governo era respaldado pelos cidadãos do país e coerente com a constituição<sup>22</sup>. Segundo Sierra, “para justificar la omnímota autoridad del jefe actual de la República, habrá que aplicarle, como metro, la diferencia entre lo que se ha exigido de ella y lo que se ha obtenido.” (1940, p. 290).

Diante da análise feita por Don Justo, para este, durante o governo de Don Porfirio, não houve uma evolução política, já que foram suprimidos os partidos políticos e a dinâmica dos mesmos no cenário público do país. Concomitante, o que o autor argumentou, é que o México, em vista do período anárquico anterior, passou por grandes transformações, tanto econômicas como sociais, e isso deveria ser levado em consideração. Ou seja, para Sierra a nação estava em paz e havia um quadro de evolução social (o que Bernardo Reyes descreveu de “povo regenerado”, 1960 [1902], p. 341). Escreveu o advogado,

Pero si comparamos la situación de México precisamente en el instante en que se abrió el paréntesis de su evolución política y el momento actual, habrá que convenir, y en estos nos anticipamos con firme seguridad al fallo de nuestros pósteros, en que la transformación ha sido sorprendente. Sólo para los que hemos sido testigos del cambio, tiene todo su valor: las páginas del gran libro que hoy cerramos lo demuestran copiosamente: era un ensueño, –al que los más optimistas asignaban un siglo para pasar a la realidad–, una paz de diez a veinte años; la nuestra lleva largo un cuarto de siglo; era un ensueño cubrir al país con un sistema ferroviario que uniera los puertos y el centro con el interior y lo ligara con el mundo, que sirviera de surco infinito de fierro en donde arrojado como semiente el capital extraño, produjese mieses opimas de riqueza propia; era un ensueño la aparición de una industria nacional en condiciones de crecimiento rápido, y todo se ha realizado, y todo se mueve, y todo está en marcha y *México: Su Evolución Social* se ha escrito para demostrar así, y queda demostrado. (Grifo no original) (SIERRA, 1940, p. 290).

O historiador Guy Rozat Dupeyron, na última parte de seu livro *Los Orígenes de la nación: pasado indígena e historia nacional* (2001), também concluiu que para Justo Sierra o México havia se tornado pacífico durante o Porfiriato, situação que nenhum governo anterior conseguira, e isto fazia com que houvesse um quadro de evolução social. Citamos,

Así afirma Justo Sierra que si el México estaba entrando a la modernidad, si la evolución social se aceleraba era porque había tenido doce años de paz. Ciertamente que no todo era perfecto, reconoce que no hemos logrado aclimatar

<sup>22</sup> Como argumentou o autor, “es un gobierno personal que amplia, defiende y robustece al gobierno legal; no se trata de un poder que se ve alto por la creciente depresión del país, como parecen afirmar los fantaseadores de sociología hispanoamericana, sino de un poder que se ha elevado, no sólo en el orden material, sino en el moral, porque ese fenómeno es hijo de la voluntad nacional de salir definitivamente de la anarquía.” (1940, p. 289).

aquí la libertad política por completo, aunque gozamos de gran libertad social, por el contrario de los americanos”; pero pregunta con justa razón “¿lo habían logrado hasta hace veinte años los franceses?” (ROZAT, 2001, p. 463).

#### **IV. Díaz entre pacificador e ditador: *La sucesión presidencial de 1910*, de Francisco I. Madero**

Como explicado na introdução, o último autor a ser analisado neste capítulo, Francisco Ignacio Madero, era um indivíduo proveniente de uma importante família do estado de Coahuila que por muito tempo participou do governo local. Sua principal obra, *La sucesión presidencial de 1910*, escrita em 1908 e publicada em 1909, é considerada pela historiografia mexicana como um trabalho de crítica ao governo porfirista e que contribuiu para a criação de uma matriz historiográfica sobre este período histórico, uma vez que se referiu ao governo de Don Porfirio como uma ditadura. Díaz no livro do coahuilense passou a ser um indivíduo ambicioso, que tomava suas atitudes devido ao seu grande objetivo de alcançar a presidência, e não mais aquele patriota que se movia em prol nação, como representou Bernardo Reyes.

Ao iniciar o livro, ainda nas páginas em que explicou o porquê de tê-lo escrito, Madero discorreu sobre a existência de duas naturezas de ditaduras, sendo a primeira caracterizada como “francas e audaces” (1909, p. 16), cuja característica é pausar o funcionamento democrático de uma população, sendo que, posteriormente, são derrubadas por uma forte reação que restabelece a liberdade no país. A segunda, que é a que se passava no México, é a seguinte,

(...) cuando la dictadura se establece en el *fondo y no en la forma*, cuando hipócritamente aparenta respetar todas las leyes y apoyar todos sus actos en la Constitución, entonces va minando en su base la causa de la libertad, los espíritus se vén [*sic*] oprimidos suavemente por una mano que los acaricia, por una mano siempre pródiga en bienes materiales, y con facilidad se doblegan y ese ejemplo, dado por las clases directoras, cunde rápidamente, al grado de que pronto llega á considerarse el servilismo, como una de las formas de la cortesía, como el único medio de satisfacer todas las ambiciones.....las ambiciones que quedan cuando se ha matado en los ciudadanos la noble ambición de trabajar por el progreso y el engrandecimiento de su patria, y solo se les ha dejado y se les ha fomentado la de enriquecerse, la de disfrutar de todos los placeres materiales.” (Grifo nosso) (MADERO, 1909, pp. 16-17).

Madero, segundo o trecho acima, criticou em seu livro uma retórica de acatamento aos aspectos constitucionais desenvolvida pelo governo, que para ele apenas se estabelecia na

forma. No fundo, o México passava por um momento de ditadura que ia cada vez mais minando a liberdade da população, sem que esta se desse conta, já que estava satisfeita com os progressos materiais conquistados pelo país, fazendo com que cada vez mais ela se alijasse das questões políticas (Madero argumentou que a nação, para as questões políticas, estava adormecida). Como explicou o autor,

La nación adormecida con el ruido de los silbatos del vapor, fuerza propulsora de la industria; deslumbrada con las múltiples y admirables aplicaciones de la electricidad; ocupada por completo en su desarrollo económico, fiada en la palabra de su Caudillo, no volvió á ocuparse de la cosa pública.

Las débiles voces de la prensa independiente no lograban hacerse oír en medio de aquel ruido atronador. Todos pensaron en enriquecerse; poquísimos se preocupaban de sus derechos políticos.

El General Díaz, en quien tanto confiaba la Nación, aprovechó esa confianza para afianzarse en el poder, pues las riquezas que desparramaba á manos llenas aumentaban los intereses creados á su sombra. La indefinida reelección de los gobernadores hacía que su administración echara hondas raíces, y todas esas raíces iban a alimentar y a sostener el poder absoluto del General Díaz. (MADERO, 1909, p. 144).

O objetivo do livro, portanto, era discutir esta situação pela qual passava o México e fazer com que os próprios cidadãos vissem essa realidade e juntos tentassem modificar o futuro do país<sup>23</sup>. A legitimidade construída por Madero em seu trabalho adveio tanto da utilização de fontes oficiais, como do que dizia o povo mexicano, já que: “en estos casos [quando faltasse dados oficiais para comprovar algo] tendré que atenerme á lo que dice la voz pública y en vez de hacer afirmaciones rotundas, sentaré los hechos como muy probables.” (1909, p. 27).

Antes de escrever propriamente sobre o governo presidencial porfirista, ao analisar ainda a “Revolução de La Noria” e a de “Tuxtepec”, episódios já comentados anteriormente, diferente do que escreveu Don Bernardo, Madero entendeu estes acontecimentos como o resultado da ambição pessoal do general – bem como dos militares que o apoiavam. Explicou o coahuilense que mesmo havendo um acordo (convênio de Capilla) após a vitória das forças porfiristas em Tecuac, estado de Puebla, em que o presidente da Suprema Corte mexicana, José María Iglesias, assumiria o governo até serem marcadas as eleições, Díaz tornou-se presidente. E assim concluiu, “había dejado de subsistir el Gobierno Constitucional que

<sup>23</sup>É importante explicar que, no final do governo de Díaz, os intelectuais começaram a discutir o fator biográfico que era a idade do presidente, tendo 78 anos em 1908. Colocamos futuro porque, como veremos, Francisco Madero tinha o receio de que Ramón Corral, candidato a assumir a vice-presidência da República em 1910, ascendesse à primeira magistratura caso Díaz morresse e, assim, perdurasse o princípio de poder absoluto no México. O temor do coahuilense era justamente a continuação dessa situação no país por parte do futuro sucessor de Don Porfirio.

existía desde el año de 1857 y se había establecido en su lugar, una dictadura militar, un gobierno de hecho, á la cabeza del cual se encontraba el General Porfirio Díaz.” (1909, pp. 109-110). Citamos,

En su proclama de la Noria decía [Porfirio Díaz] que no tenía ninguna ambición para ocupar puestos públicos y después de Tecuac ocupa la Presidencia á pesar de los convenios de la Capilla.

Esto nos demuestra que no eran sinceros sus ofrecimientos de la Noria y lo que quería era el apoyo de la Nación para llegar á la Presidencia.

Si proclamaba en sus planos revolucionarios el principio de no-reelección, era porque comprendía que la Nación juzgaba como él, que era peligrosa para los principios democráticos la reelección indefinida de los gobernantes, y que proclamando este principio, lo ayudaría en su lucha contra el gobierno, y eso era lo que él buscaba por lo pronto, pues una vez en la silla presidencial, él sabría bien conservarla, aun contra la voluntad nacional. (MADERO, 1909, pp. 117-118).

Um dos momentos mais importantes do livro é quando Madero escreveu sobre o objetivo fixo de Porfirio Díaz em assumir a presidência da República e, posteriormente, permanecer na primeira magistratura do país. Tal questão torna-se uma chave de leitura significativa na análise da obra porque o coahuilense foi argumentando ao longo de seu trabalho que os feitos de Don Porfirio se justificaram por essa “idéia fixa” (1909, p. 119) do presidente em manter-se no poder<sup>24</sup>.

Fazendo um contraponto com as obras de Bernardo Reyes e Don Justo Sierra, para Francisco Madero, como demonstraremos abaixo, os progressos materiais conquistados no México, o momento de paz que desfrutava o país eram resultados dessa vontade de Díaz continuar na presidência da República. Ou seja, as melhoras conquistadas pelo ex-general não eram movidas pelo seu patriotismo e vontade de ver um México moderno, mas tudo, segundo Madero, girava em torno de sua ambição<sup>25</sup>.

Sobre os progressos materiais escreveu o autor,

Todo es muy cierto, nuestro progreso económico, industrial, mercantil, agrícola y minero, es innegable.

Ya lo hemos dicho, el General Díaz hará al país todo el bien que le sea posible, siempre que sea compatible con su reelección indefinida.

Pues bien, si es cierto que en el orden de libertades, todas eran un estorbo para lograr su fin, por cuyo motivo ha logrado acabar con ellas, no pasa el mismo con las cuestiones económicas, pues entre más desarrollada esté la

<sup>24</sup> Segundo Madero: “(...) resuelta que la Idea fija del Gral. Díaz, era, mientras no tenía el poder, conquistarlo á toda costa y una vez en su posesión, no desprenderse de él por ningún motivo.

Para la realización de esta idea, no vacilará en promover sangrientas revoluciones; en perdonar á sus enemigos desde que capitulen; en perseguir á sus amigos cuando constituyan un estorbo para sus fines; en engañar á la Nación y aun a los amigos que lo ayudaron en sus levantamientos.” (1909, p. 119).

<sup>25</sup> Além disto, para Francisco Madero os muitos progressos econômicos conquistados no México não foram nem tanto ganhos próprios do presidente, mas sim um fenômeno conjuntural que estava ocorrendo no mundo inteiro, resultado do desenvolvimento das ciências.

riqueza pública y mientras mayores sean los intereses creados á su sombra, será mayor la estabilidad de su gobierno.

Para llevar á cima esta obra, los dos factores más importantes han sido: la paz y a oleada de progreso material que ha traído al mundo el vapor con sus múltiples aplicaciones á la transportación y á la industria. (MADERO, 1909, p. 221).

Para Francisco Madero, portanto, devido ao fato do presidente ter passado tantos anos ocupando a primeira magistratura mexicana, Díaz tornou-se a encarnação do poder absoluto, suprimindo os partidos políticos e a dinâmica governamental fomentada pelos mesmos. Além disto, explicou o coahuilense que a base em que se sustentava Don Porfirio não advinha dos cidadãos mexicanos, mas sim das armas. Enquanto Bernardo Reyes uniu em sua obra a trajetória de vida do presidente à trajetória de vida do México, ligando-a ao episódio conhecido como Grito de Dolores, exclamado pelo padre Hidalgo; Madero remeteu-se ao segundo herói da independência, o padre José María Morelos, mas desta vez para deslegitimar o governo de Díaz ao dizer que este não laborava para o povo e nem emanava deste<sup>26</sup>. Como escreveu Madero,

Pues bien, el poder absoluto del General Díaz, ha creado en México una situación muy distinta á la soñada por Morelos.

El Jefe de la Nación en vez de ser siervo y de acatar los decretos del pueblo, se ha declarado superior a él y ha desconocido su soberanía, así es que el gobierno que tenemos actualmente, ni está nombrado por el pueblo, ni sostenido por él. Su fuerza dinamita de las bayonetas que después de Tecuac lo llevaron al Palacio Nacional, y que aún lo sostienen allí. (MADERO, 1909, p. 232).

Como falado no início do tópico IV e demonstrado até aqui, a obra de Madero contribuiu para a criação de uma matriz historiográfica sobre o Porfiriato, que vai se consolidar a partir da eclosão da Revolução Mexicana (principalmente, segundo Paul Garner [2003], na década de 1920), em que intelectuais, ao legitimarem o projeto revolucionário, irão deslegitimar o governo de Don Porfirio. Um exemplo disto é o livro de Luis Lara Pardo que em 1921 escreveu *De Porfirio Díaz a Madero* em que caracterizou o presidente como cruel, egoísta, indivíduo que muito fez para prostituir o povo mexicano<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> O padre José María Morelos é considerado o segundo herói da independência, já que também lutou por ela, principalmente entre 1811 e 1815. O próprio Madero escreveu no livro o que padre havia falado ao remeter-se ao Congresso de Chilpancingo: “Soy el sirvo de la Nación porque esta asume la más grande, legítima é inviolable de las soberanías, quiero que tengan un gobierno dimanado del pueblo y sostenido por el pueblo.” (MORELOS *apud* MADERO, 1909, p. 231).

<sup>27</sup> “Bajo los oropeles de la abundancia y la prosperidad, comenzaron a aparecer la crueldad, la intransigencia, la ambición sin límites y el egoísmo del César. Entonces pudo verse que las verdaderas características de su régimen eran dos: exterminio y prostitución (...). El general Díaz creía firmemente en el exterminio como arma principal de gobierno (...). Pocos gobernadores, aún entre los reyes, emperadores, faraones, sultanes y califa, han

Contudo, o final do livro de Madero pode abrir margem para a discussão que foi proposta no início do capítulo, ou seja, a partir da imagem de um passado mexicano pós-independência turbulento, caótico, marcado por guerras intestinas e intervenções estrangeiras, pensar como foi representado o Porfiriato por estes escritores mexicanos. Madero, em determinado momento de seu livro, admitiu que, feita a análise do governo de um ponto de vista racional, portanto sendo necessário tecer críticas ao regime porfirista de poder despótico, mencionou que utilizaria em um segundo momento também o critério sentimental. Percebemos que, de vilão, Díaz poderia ser redimido e se tornar um dos maiores indivíduos lembrados pela humanidade<sup>28</sup>. O que escreveu o coahuilense sobre a paz conquistada no México,

La obra del General Díaz ha consistido en borrar los odios profundos que antes dividían a los mexicanos y en asegurar la paz por más de 30 años, aunque todavía mecánica al principio, ha llegado a echar profundas raíces en el suelo nacional, al grado de que su florecimiento en nuestro país parece asegurado.

El General Díaz, con su mano de hierro ha acabado con nuestro espíritu turbulento é inquieto y ahora que tenemos la calma necesaria y comprendemos cuan deseable es el reino de la ley, ahora si estamos aptos para concurrir pacíficamente a las urnas electorales para depositar nuestro voto. (MADERO, 1909, pp. 287-288).

O que queremos demonstrar a partir da citação acima, é que o coahuilense intitulou o governo de Porfirio Díaz de ditadura em que o presidente exercia um poder despótico no país, porém, é importante ressaltar que Francisco Madero não perdeu de vista, no juízo final que fez do governo em seu livro, a estabilidade que o mesmo estabeleceu no país, e o estado de paz que pairava sobre o México<sup>29</sup>. O que criticou o autor foi a transformação deste estado de paz em um em que não se existiam mais praticas governativas apoiadas na vontade da

---

hecho más para prostituir un pueblo que el general Díaz para degradar a los mexicanos.” (PARDO *apud* GARNER, 2003, p. 18).

<sup>28</sup>Explicou Madero ao dizer sobre sua mudança de análise no final do livro: “Quizá le haya extrañado el juicio que al principiar este capítulo emitimos sobre el general Díaz [sobre ter o presidente conquistado um ambiente de paz no país], encontrándolo poco de acuerdo con algunos de nuestros juicios anteriores.

La explicación es sencilla:

Ahora lo consideramos desde otro punto de vista: Ya no es la razón inflexible la que guía nuestro criterio, sino el sentimiento que ve más hondo y más claro. Nosotros creemos que toda acción humana es determinada por factores muy diversos y muy complejos.” (MADERO, 1909, p. 290).

<sup>29</sup> Como escreveu o historiador Paul Garner, mesmo não apoiando politicamente o presidente, Madero não deixou de tecer elogios ao governo do mesmo: “Las alabanzas a Díaz por parte de sus contemporáneos no llegaron exclusivamente de los que lo apoyaban políticamente. Quizás la más improbable de las alabanzas a Díaz sea la de Francisco Madero, el hacendado de Coahuila que inició la revolución que sacaría al viejo presidente del poder en 1910 y quien se convertiría en el primer mandatario del México revolucionario después del exilio del dictador en 1911.” (GARNER, 2003, p. 22).

população. Tendo em vista tal aspecto, argumentou Madero que o governo de Don Porfirio não podia ser considerado um despotismo vulgar, escreveu:

Toda nuestra historia tiene cierto sello de grandeza que impresiona, y ese sello no deja de tenerlo ni aun la misma Dictadura del General Díaz, pues después de todo nuestro actual Presidente ha podido llevar á cabo una obra colosal, y se ha rodeado de tal prestigio en el extranjero y aun en el país, que se ha formado un pedestal altísimo, en la cima del cual ostenta su bronceada figura, siempre serena, siempre tranquila y con la mirada fija en los grandes destinos de la Patria.

El General Díaz no ha sido un déspota vulgar, y la historia nos habla de muy pocos hombres que hayan usado del poder con tanta moderación. (MADERO, 1909, p. 287).

Desta forma, a crítica de Madero foi direcionada a falta de liberdade política que passou a existir no México porfirista. Para solucionar esta situação a proposta foi, portanto, a criação de um partido político – Partido Nacional Democrático –, cujos princípios eram o de não-reeleição e liberdade de sufrágio, que pudesse concorrer nas eleições de 1910 e fomentar um ambiente de disputa com os governantes nomeados pelo presidente, voltando o país a ter uma dinâmica governativa respaldada pela vontade popular. A crítica, como veremos abaixo, foi, nas palavras de Madero, ter o México passado de uma situação caótica, cindido por guerras civis, a uma de servidão: o pêndulo da história novamente caía para um outro extremo. Diante um passado conflituoso, o México pendeu a uma situação de servidão.

A consecuencia de nuestra larga era de guerras intestinas, en la cual no se conocía más derecho que el del más fuerte, al fin tuvimos que caer bajo el dominio del más poderoso y afortunado de los militares de aquella época, que estableciendo una dictadura bajo las formas republicanas, ha logrado extirpar de nuestro suelo el germen de las revoluciones, pues al militarismo lo ha desprestigiado con 30 años de paz y al pueblo le ha hecho crearse intereses materiales de tal cuantía, que constituyen un factor importantísimo para alejarlo de las revueltas.

El pueblo mexicano que antes era sumamente turbulento, es ahora el más pacífico de todos los pueblos de la tierra, y no solamente respeta con gusto la ley, sino que hasta respeta servilmente el principio de autoridad.

Por otra parte, ningún gobierno había llegado á tener la gran estabilidad y duración que ha tenido el actual.

De esto ha resultado, que de un extremo hemos caído en otro extremo.

Sí antes éramos turbulentos, ahora somos serviles.

Si antes éramos tan exigentes cuando se trataba de hacer respetar nuestros derechos y siempre teníamos la carabina en la mano como el supremo argumento, ahora obedecemos sin discutir las órdenes más arbitrarias del más ínfimo representante de la autoridad. (MADERO, 1909, pp. 337-338).

No juízo final que Madero fez em *La sucesión presidencial en 1910*: el partido nacional democrático, Díaz poderia ser redimido pela história se se colocasse abaixo da

constituição. O país já estava estável, pacífico, bastava agora passar para a etapa da liberdade, do funcionamento, no fundo, das leis e ao respeito à constituição. O temor do coahuilense era que o sucessor do presidente, que para Madero poderia ser Ramón Corral ou o general Bernardo Reyes, perdurasse o poder despótico no país. Os trechos abaixo, que encerram nossa proposta de análise sobre o livro de Francisco Madero, foram escritos pelo autor como sendo o que a população mexicana queria falar para Don Porfirio, ou seja, o país estava pacífico, bastava agora estar livre da servidão governamental,

<<Hasta ahora con el pretexto de dar estabilidad al gobierno, de transformar el espíritu turbulento de los mexicanos, de sofocar las ambiciones malsanas, te has puesto arriba de la ley y arriba de tus más solemnes compromisos sosteniéndote en el poder que has usado discrecionalmente,

<<Pues bien, tu obra está terminada: has logrado dar a tu Gobierno una estabilidad hasta peligrosa por su duración; de turbulento ha transformado el espíritu de tus conciudadanos en servil; has terminado con todas sus ambiciones no solamente malsanas, sino también con las de más buena ley.

<<¿Cual es el objeto que persigues ahora con empeñarte en seguir con este régimen de Gobierno?

<<Hasta ahora todas tus faltas pueden ser disculpadas, todos tus actos explicados por la historia de un modo satisfactorio para ti, si pruebas tu buena fe, cumpliendo ahora que ya es tiempo, todas tus promesas y si en los últimos años de tu vida te revuelves á ponerte bajo la ley, respetándola sinceramente y declarándote su protector.

<<De este modo habrás logrado coronar brillantemente tu obra de pacificación, habrás llevado la República á una altura envidiable, tu nombre será bendecido por tus conciudadanos, venerado por las generaciones futuras, y figurará en la historia entre los más grandes.

<<Mientras que si por la estéril vanidad de demostrar que tienes más poder que el pueblo, te empeñas en prolongar esta era de despotismo y si en vez de declarararte el representante de mis más caros intereses te obstinas en defender los del círculo que le rodea, entonces habrás comprometido el éxito de tu obra, pues las aspiraciones nacionales, encontrando obstruidos los canales por donde deben encauzarse, se desbordarán y arrastrarán cuanto encuentren, y hasta tú mismo tiembla, pues te declararé mal hijo, y tu nombre será inscripto en la historia como el de un ambicioso y afortunado militar que con inmensos elementos á su disposición, sólo supo ser un tirano vulgar que nunca cumplió sus promesas más solemnes, que con su desprecio á la ley le hizo perder todo su prestigio; que con su ambición personal llevo á sus conciudadanos á la servidumbre y la República á la decadencia.>>  
(MADERO, 1909, pp. 345-346).

\*\*\*

A intenção deste capítulo foi pensar como três importantes obras, de autores mexicanos, representaram o Porfiriato ainda durante seu regime presidencial. Ficou percebido que são trabalhos que em muitos aspectos diferem. Bernardo Reyes, por exemplo, traçou uma obra, considerada pela historiografia, como “porfirista”, não intitulando em nenhum momento

o governo de ditatorial e, exaltando os feitos do presidente. A obra de Justo de Sierra, embora o autor acreditasse ser perigosa a perpetuação de Porfirio Díaz no poder (mesmo que por meio de reeleições), considerou o governo como um “cesarismo espontâneo” ou “ditadura social”, uma vez que a autoridade do presidente estava respaldada pelo povo mexicano.

A obra de Francisco Madero, como explicitado no tópico quatro, evidencia uma mudança de matriz historiográfica sobre o Porfiriato; este autor passou a criticar fortemente o governo de Díaz, embora muitas vezes fazendo uma crítica velada. Para Madero, não era o povo (como foi para Sierra e Reyes) que respaldava o governo, mas sim as armas que sustentavam o porfirismo, além da “idéia fixa” (para utilizar as palavras do autor) do presidente em continuar ocupando a primeira magistratura do México.

Contudo, o aspecto que acreditamos poder aproximar tais escritores é justamente o fato da memória de um passado mexicano marcado por guerras civis e instabilidade política. O próprio Madero, que fomentou uma crítica ao governo, não deixou de tocar neste assunto. As críticas que foram começando a surgir sobre Porfiriato na primeira década do século XX, deste modo, foram justamente sobre esta permanência de Díaz no poder, a falta de liberdade, de partidos políticos existentes no país, mas nenhum destes autores conseguiu deixar de não referir-se à estabilidade que Díaz proporcionou ao México, ao ambiente pacífico que pairava no país, e isto deve ser levado em consideração para quem estuda a historiografia contemporânea ao Porfiriato.

## **Capítulo 2-Porfirio Díaz sob o olhar estrangeiro. As representações do presidente e seus anos de governo em escritores norte-americanos e ingleses**

Así, desde 1876 – hace más de una generación –, Porfirio Díaz llegó a ser el jefe del Estado mexicano como rebelde en armas. Empezó por perturbar la paz de México y ha continuado alterándola con carnicerías periódicas, en grande escala, entre su propio pueblo. ¡El General Porfirio Díaz es “el más grande mantenedor de la paz” y “el príncipe de la paz”! ¡Qué sacrilegio!

John Kenneth Turner

O objetivo deste capítulo é discutir a representação de Don Porfirio e de seu regime presidencial em escritores estrangeiros contemporâneos ao seu governo. Da mesma forma que muitos mexicanos escreveram sobre a época em que viviam e refletiam sobre o regime presidencial de Díaz, muitos estrangeiros também refletiam e se posicionavam sobre os acontecimentos do México.

A escolha dos três escritores mencionados abaixo também se justifica pela recorrência da análise de seus livros em trabalhos historiográficos atuais, além de serem obras que em 1911, época já da eclosão da Revolução Mexicana, tiveram grande circulação e repercussão nos países em que foram escritos. O objetivo dos autores era mostrar aos seus países o que estava ocorrendo no México e, assim, se posicionavam a favor ou contra a presidência de Díaz.

A primeira autora que será analisada neste capítulo foi uma viajante inglesa chamada Ethel Brilliana Alec-Tweedie. Dentre as várias viagens que fez pelo mundo e registrou em relatos, em 1900 e, posteriormente, em 1904 ela visitou o México e chegou a conhecer o presidente Díaz<sup>30</sup>. Aqui pensaremos sua obra *México as I saw it* escrita em 1901 e revista pela autora em 1911. Época do movimento revolucionário mexicano, a viajante acrescentou um apêndice abordando a situação por que passava o México. Sobre seu trabalho, será dada ênfase nos capítulos: “General Porfirio Díaz: president of Mexico” e “Díaz, the maker of modern Mexico” (justamente o apêndice acrescentado em seu livro).

Outro escritor que discutiremos é John Kenneth Turner. Este foi um periodista estadunidense que, em 1909, publicou uma série de artigos no periódico norte-americano intitulado *The American Magazine*, cujo assunto seria a existência de escravidão em alguns países do México porfirista. Em 1911 ele uniu estes artigos que se tornaram os cinco primeiros capítulos de seu livro, publicado em abril deste mesmo ano, sob o título de *Barbarous Mexico*.

Por fim, o último indivíduo a ser discutido é outro periodista norte-americano, James Creelman, que, em 1910, escreveu *Díaz: master of Mexico*, sendo esta obra publicada em fevereiro de 1911. Creelman foi o entrevistador do presidente quando este, em 1908, concedeu a famosa entrevista para a *Parson's Magazine* dizendo que não iria se candidatar para as próximas eleições no país e, que apoiaria a organização de partidos políticos na esfera

---

<sup>30</sup> Dois dos exemplos das obras da autora, quando de suas viagens, são *A Girls Ride in Iceland* (1894) e *Through Finland in Carts* (1897).

pública. Seu livro exaltou a figura do presidente e de seu governo, além de rebater as críticas feitas à época ao Porfiriato (como o próprio livro e artigos de John Turner).

Como perceberemos ao longo deste texto, não apenas os intelectuais mexicanos pensavam a situação por que passava o México entre 1876 e 1911. Havia uma circularidade de informações no estrangeiro sobre a conjuntura do país e, muitos autores escreveram não apenas elogiando o governo de Don Porfirio, mas também tecendo críticas a ele. Como perceberemos ao final, diante da eclosão do movimento revolucionário de 1910, os escritores passaram a disputar uma memória a ser deixada sobre o governo de Díaz: teria ele sido um vilão ou herói do México?

## **I. *Mexico as I saw it: Porfirio Díaz e o governo da lei***

Iniciaremos o livro de Alec-Tweedie atendo-nos justamente em seu capítulo *General Porfirio Díaz: president of Mexico*. Nesta parte, logo no início, a autora escreveu sobre a situação conflituosa por que passou o país antes da ocupação de Porfirio Díaz à primeira magistratura. Embora não tenha gastado grande parte do capítulo para explicar os acontecimentos anteriores a 1876, sejam as intervenções estrangeiras, guerras civis ou o conflito entre Estado (poder temporal) e a Igreja Católica (poder religioso), a autora não deixou de se remeter ao assunto. Escreveu no primeiro parágrafo,

I WENT to Mexico inspired with profound respect and admiration for General Porfirio Díaz, a man who ascended a throne – so to speak – when revolution was in the air, murder of daily occurrence, property unsafe, and universal riot reigned supreme. It was not, however, until I had met him and spent some time in his company, not until I had lived several months in Mexico, that I fully realized the extraordinary ability of its President. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 128).

O cenário que descreveu Tweedie ao referi-se ao México desde sua independência até o ano de 1876 é caótico. Existiam “assassinatos ocorrendo diariamente por todo o país, as propriedades eram inseguras e a desordem universal reinava suprema”. Ao longo do capítulo a autora escreveu que o México passou por problemas com a França, Estados Unidos e, internamente, houve um grande conflito entre o presidente Benito Juárez e a Igreja Católica. Os indivíduos lutavam uns contra os outros, em cinqüenta e nove anos existiram cinqüenta e dois presidentes, fato, que para Tweedie, dispensava explicações. O diagnóstico que a autora chegou foi o de que o país estava ingovernável, “the country was heavily in debt, and probably no land has ever been less safe for human life, or more unsettled than Mexico about the middle of the nineteenth century.” (2011 [1911], p. 133).

Diante desta situação, Díaz cada vez mais foi emergindo como um grande soldado que combatia no Exército nacional para salvar seu país e transformá-lo em um lugar seguro para se viver. O general ganhou espaço na narrativa de Tweedie e, para ela, o México necessitava de um indivíduo forte que guiasse a nação e a conduzisse a um futuro feliz. Este homem era Porfirio Díaz.

Tweedie, diferentemente de Turner e Creelman, não descreveu a transição de Díaz soldado à presidente da República. A autora apenas explicou que, em 1876, o general entrou na capital do México liderando um Exército revolucionário (devido à “Revolução de Tuxtepec” encabeçada por ele) e, posteriormente, tornou-se o primeiro magistrado do país. A viajante enfatizou a popularidade que Díaz foi adquirindo após a vitória, em 1867, contra o governo de Maximiliano de Habsburgo.

Ao falar da ascensão de Díaz como governante, percebemos como ele representou a figura do grande herói que liderava a nação. Tweedie, de forma poética, descreveu em seu livro a entrada do presidente na capital mexicana logo que este ascendeu à primeira magistratura da República. Diante de sua imagem imponente de governante, a população ficou hipnotizada e se tornou sua adepta, respaldando, assim, sua administração. Citamos,

The crowd cheered; the crowd hissed; the multitude fought amongst themselves, but on he rode, only pressing his lips closer together. His entry was so powerful, so masterful, that many who had previously been against him were hypnotized by the manner of the man, and from that moment became his devoted adherents. Thus on November, 23, 1876, General Díaz rode up to the Palace where he established himself for over thirty years. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 135).

Ao descrever seu governo, a viajante argumentou que, diante de um México desorganizado, Porfirio Díaz precisava governar com “mãos de ferro” para gerar estabilidade a um país devastado<sup>31</sup>. Ou seja, como percebemos também em outros autores que escreviam à época, a rigidez de um governo em 1876 era necessária para erguer uma nação dos escombros de uma guerra civil (para lembrar os dizeres de Justo Sierra). Para Tweedie, o general combateu os bandidos, gerou estabilidade e paz ao México, além de torná-lo um país moderno, “thus he started a new rule and a new life for old Mexico, the birth – so to speak – of Modern Mexico, of which he may well be proud” (2011 [1911], p. 134). Como escreveu,

---

<sup>31</sup> Escreveu Tweedie: “The new President soon swept out General Lerdo’s troops; He shot outlaws, deserters and rioters whole-sale, and began his military sway with an iron hand, the only possible mode of governing such a country. He knew his people. Was he not one of them? He knew the way to rule was to clear the land of bandits and revolutionist, to sweep away the ringleaders, and then control the remaining populace. The people feared him, they knew his strength, they felt his power. Only a quarter of a century later they had learnt to love him and were led by a silken cord.” (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 135).

He has slowly and steadily risen to power and respect, risen from a country lad to be one of the greatest Dictators the world has known. As a soldier he has quelled war and established peace. As a ruler he has made a country – formerly insecure even to its own inhabitants – safe for all. As a diplomat he is at peace with the world. He has paid enormous debts, and created solvency – now even developing into wealth – in Mexico. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 136).

Na passagem acima, percebemos duas questões importantes a serem analisadas. A primeira refere-se justamente a este discurso de pacificação do México sob o governo de Díaz. A tópica sobre a pacificação do país durante o Porfiriato tornou-se recorrente em muitos autores – tanto estrangeiros, quanto nacionais – e fez com que essa imagem turbulenta do México anterior a 1876 influenciasse a produção historiográfica sobre o governo de Don Porfirio. Além disto, segundo ponto a ser considerado, percebemos que a autora referiu-se ao presidente como um “ditador”. Acreditamos, nesse sentido, que a viajante referiu-se ao presidente deste modo justamente ao defender que o México necessitava de uma liderança e assim, com pulso firme, o presidente conseguiu gerar estabilidade, acabar com os débitos internos e modernizar o México.

Como a própria autora argumentou, sob o governo do general o México se viu nascer moderno. A anarquia fazia parte do passado, não mais do presente mexicano. O futuro do México deveria ser glorioso devido à estabilidade e paz conquistadas pelo presidente. A nação entrava no cenário dos países civilizados. Em comparação com grandes estadistas, Díaz emergiu na obra da autora como o maior homem do século XIX. O que se tornou mais impressionante para a viajante é que Don Porfirio provinha de uma vida humilde de Oaxaca, conseguindo ganhar prestígio até tornar-se presidente da República dos Estados Unidos Mexicanos<sup>32</sup>. Como escreveu,

Has any other man in the nineteenth century done as much? We have had Napoleon, no doubt a greater despot; a Moltke, a greater soldier; a Beaconsfield, a finer politician; a Talleyrand, a greater diplomatist; but has any man of humble origin, practically self-educated, raised himself to such a position, and brought his country from battle and murder to peace and prosperity, and still ruled? (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 136).

Sendo assim, Tweedie se referiu a grandes personagens mundiais do século XIX. Os exemplos franceses foram Napoleão (como Sierra também fizera), grande “déspota” do início dos oitocentos, e o diplomata Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord. Também foram

<sup>32</sup> Como escreveu: “He was bravery personified as a soldier, he is a politician and a ruler, and He has made himself all these despite his Indian blood and struggle for education. Díaz has climbed from the lowest rung of life’s ladder to one of its topmost pinnacles. No one ever impressed me more than the President of Mexico. There is a reserved strength, a quiet force about him which commands respect, a kindly gentleness that wins affection. Each time I saw him I learned some new trait in his character, and felt how immeasurably above ordinary mankind this self-made ruler undoubtedly was.” (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 144).

citados Helmuth von Moltke, que participou do Exército da Prússia à época da Unificação Alemã e Benjamin Disraeli (conde de Beaconsfield a partir de 1879), importante político britânico. É importante perceber que Napoleão e Talleyrand, bem como Von Moltke e Disraeli foram homens do império, da força bélica e, Tweedie justamente os escolheu para fazer as analogias com Díaz. Mas, como a autora mesmo pontuou, nenhum destes grandes homens do império procedia de uma origem humilde como Díaz, que, aprendendo a se educar sozinho, conseguiu, quando presidente, elevar o México à um status pacífico e próspero. A própria viajante explicava em outras páginas,

Díaz has been the architect and builder of modern Mexico, and so well has he done his work, it is extremely unlikely that anyone will undo it. The country has been at peace for over a quarter of a century, everything has improved, and the men who have helped the President have learnt from him the art of government. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 148).

Na citação acima, Tweedie usou as palavras “arquiteto” e “construtor” dando-nos a idéia de que realmente Porfirio Díaz edificou um país moderno. Sob seu governo o México progredia, indústrias e estradas de ferros foram criadas, os egressos e ingressos monetários estavam equilibrados e, cada vez mais, o país ganhava prestígio internacional: “Díaz has proved capable in every issue. The wheels of state are well oiled; his regime is acknowledged by the entire world to be a success.” (2011 [1911], p. 151).

Para Tweedie, portanto, o México estava pacificado. Era legítimo que Don Porfirio governasse com “mãos de ferro” no início de seu governo devido à conjuntura interna do país. Posteriormente, a escritora argumentou que de “déspota” ele passou a governar com “um cordão de seda” (“*silken cord*”), dando a entender que suas atitudes rígidas eram necessárias até que o país estivesse estável e próspero<sup>33</sup>. A dureza inicial de seu governo não impediu, segundo a inglesa, que a população deixasse de respaldar seu governo. Como escreveu no início de seu capítulo,

His position [de Díaz] is absolutely unique in the world's history, for although President of a Republic, he has reigned since 1876. His will is all powerful, as great, in fact, as that of a Tsar and Pope combined. He is a monarchical yet democratic ruler. He controls millions of people with a hand of iron, still they love him. He is a despot, but at the same time leads the unassuming life of a private gentleman. He walks alone in the street, cares

---

<sup>33</sup> Nesta passagem percebemos sua argumentação de que Díaz governou inicialmente o México como um “déspota militar”, mas, posteriormente, administrou o país como um “governante diplomático”: “Díaz was a soldier, living an arduous military life, at a time when Mexico had sixteenth century ideas, and was ruled by a Church despotism, reminiscent of the middle ages, but Díaz was a wonderful man. He shook himself free from the trammels of the past, and carved out a development for himself, and a future for his country. It was as a general of the army he declared himself President of the Republic, although of late year it is not, perhaps, so much as a military despot, but rather as a diplomatic ruler that he has reigned”. (TWEEDIE, 2011 [1911], 150).

nothing for pomp in his daily existence, and plays the role of a simple home-loving citizen to perfection. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 128-129).

O entendimento da representação do Porfiriato na obra de Alec-Tweedie torna-se muitas vezes complexa. Diante do capítulo e, como veremos, da obra como um todo, a viajante elogiou o governo de Díaz, mas, ao mesmo tempo, as terminologias que a autora utilizava eram conflitantes de significado. Em várias passagens do texto a viajante chamou a Don Porfirio de “déspota” e, como vimos na citação acima, escreveu que ele governava com “mãos de ferro” e, mesmo assim, a população o amava e o respaldava. Ou seja, a autora legitimava uma atitude rígida por parte do presidente em seus primeiros anos de governo pelo fato de uma imagem de passado mexicano caótico desde a independência do país até 1876.

## I.II A história faria justiça à Díaz?

Como dito na introdução do capítulo, quando da eclosão do movimento armado no México contra o governo de Porfirio Díaz, a viajante inglesa revisitou sua obra e escreveu um apêndice para informar ao seu país a situação por que passava o México internamente. Sob o título *Díaz, the maker of modern Mexico* ela iniciou esta nova parte exclamando,

DIAZ has been hurled from Power in his eighty-first year!  
When I left Mexico in December, 1904, all was peace.  
General Díaz had just completed his sixth term of office. The country was in a most flourishing condition. Money was pouring in from England, Germany, and more especially the United States. The streets of México City were well paved, electric trams and electric light had taken the place of older methods. A splendid residential quarter had sprung up on the road to Chapultepec. All was serene. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 464).

Afirmou a autora que, quando ela deixou o México, em 1904, o país estava sereno, em paz. Havia progressos, estrangeiros investiam no país, entre outras coisas. Então, o que haveria ocorrido para que um movimento revolucionário, de caráter nacional, eclodisse no México, cujo principal alvo de críticas seria o presidente Don Porfirio?<sup>34</sup> A autora argumentou que, com todos os progressos materiais realizados no país, tornando-o cada vez mais desenvolvido e próspero, o presidente não concedeu espaço de oposição política no cenário público. Como ela escreveu, “the man who made a great nation of safety and wealth out of

<sup>34</sup>É importante destacar que a viajante inglesa defendeu que, embora o movimento tivesse caráter revolucionário e, que existisse um corpo de opinião pública discordante da permanência de Díaz no poder, por mais contraditório que parecesse a revolução possuía caráter pacífico, já que todos admitiam os grandes feitos do presidente mexicano: “Paradoxical as it may seem, his overthrow is the result of a revolution mainly pacific in its nature, and in substance a revolt of public feeling against abuses that have become stereotyped in the system of government by the too long domination of one masterful will. The military rising was but its head, spitting fire. It was a civil revolution. Behind was a immense body of opinion, in favour of effecting the retirement of the President by peaceful means, and with all honour to one who had served his country well.” (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 468).

chaos was so sure of his own position, his own strength, and, I may say, his own motives, that he did not encourage antagonism at the polls, and “free voting”, remained a name only.” (2011 [1911], p. 465).

Referindo-se a um escritor alemão, cujo nome não foi explicitado, a viajante escreveu que existiam estadistas, o que poderia ser o caso de Díaz (embora ela não tenha afirmado) que perdiam o equilíbrio, o foco, e se tornavam “obsessed with the passion of rule” e, “they lose their balance, clearness of sight, judgment, and only desire to rule, rule, RULE!” (2011 [1911], p. 465). Ficar tantos anos frente à primeira magistratura talvez tenha sido um erro cometido pelo presidente, erro que se tornou fatal e o fez terminar sua carreira de forma não tão magnífica. Como sublinhou Tweedie,

It was a fatal mistake [a permanência por muitos anos na presidência], and it has shrouded in deep gloom the close of a career of unexampled brilliancy, both in war and statesmanship. The Spanish-American Republics have produced no man who will compare with Porfirio Díaz. Simon Bolivar for years fought the decaying power of Spain, and to him what are now the Republics of Colombia, Venezuela, Ecuador, Bolivia and Peru owe their liberation. But Díaz has been more than a soldier; and his great achievement in the redemption of modern Mexico from bankruptcy and general decay completely overshadows his successes in the field during the ceaseless struggles of his earlier years. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 466).

Além disto, para a escritora, Díaz também anulou sua palavra dada em entrevista ao periodista norte-americano James Creelman, ao dizer, em 1908, que não iria mais se candidatar para o próximo pleito eleitoral. Em 1909 o presidente novamente saíra concorrente ao mandato de presidência da República. Somado a esta mudança de atitude, o vice-presidente escolhido por Don Porfirio foi Ramón Corral, indivíduo que, para Tweedie, não possuía popularidade nacional.

A explicação da autora para a mudança de atitude do presidente quanto a não mais se reeleger para a primeira magistratura do país foi a força e poder do “grupo oficial”, ou seja, dos partidários porfiristas, que necessitavam da continuação de Díaz na presidência. Segundo a viajante, Don Porfirio era importante para a manutenção dos interesses deste grupo. “The official group whose interests depended on the maintenance of the Díaz *régime* was for the moment to powerful, and it succeeded in inducing the President to accept re-election.” (2011 [1911], p. 470).

Poderíamos refletir nesta parte o papel dos partidários porfiristas que governavam junto com o presidente. Na obra de Tweedie eles ganharam uma dimensão quando a autora acreditou que, muitas das críticas ao governo, foram feitas principalmente, devido a posturas deles na administração do país. Citamos:

The attempt to perpetuate the Presidency in the hands of one man, and especially of one party, has been the main cause of the rising. Originally the term of office was only four years without power of re-election. After the first four years of power Díaz altered this and made re-election possible. When I was last in Mexico in 1904 he went even further and instituted a six years' term and a Vice-President; consequently the very man who had fought against the re-election of Lerdo de Tejada himself gradually assumed the continuous power he had once decried. He thought that his doing so was for his country's good, which it most undoubtedly was at the time, judging by the stupendous results. But things move rapidly in these days, and Mexico caught the fever of unrest, and the longing for change. The President would have been all right without his following. The people had tired of repetitions of the same abuses by those in power, abuses which became more and more apparent with the Presidents's advancing years. A change was necessary; and they demand that at least they should be allowed to have a Vice-President of their own choice. All concession was refused; and the disappointment embittered them not only against Corral, but against Díaz himself. (TWEEDIE, 2011 [1911], pp. 470-471).

Sendo assim, para Tweedie, a postura de Díaz ao tomar suas atitudes era motivada em prol do bem nacional. A autora não argumentou ter o presidente uma ambição pessoal pelo poder. Como explicitado acima, “Díaz julgou estar fazendo o melhor para seu país”, mas, os indivíduos que o cercavam na administração do governo, estavam cada vez mais cometendo excessos. “As pessoas estavam cansadas das repetições dos mesmos abusos daqueles no poder, abusos que se tornaram mais e mais aparentes com o avanço dos anos do Presidente.”

Segundo Garner, Alec-Tweedie descreveu Porfirio Díaz como:

(...) “el personaje más importante de la historia moderna” y lo comparaba con el zar de Rusia y con el papa: “sin embargo”, afirmaba en la misma página, con una comprensión no tan segura de la ciencia política mexicana, que él era “un dirigente democrático”. Su descripción de Díaz como un “hombre atractivo, fino y fuerte...con ojos oscuros, profundos y penetrantes” sugiere también que ella puede haber sido una de las tantas víctimas de lo que José Valadés describiría más adelante como la frondosidad sexual de don Porfirio. (GARNER, 2003, p. 23).

A análise de Garner sobre o livro de Alec-Tweedie chega a ser problemática em alguns aspectos. O escopo a ser analisado não seria tanto se a viajante teria ou não uma noção clara sobre a “ciência política mexicana”, ou se ela seria “vítima da frondosidade sexual de Don Porfirio”, como afirmou Valadés, mas refletir como foi construída sua representação acerca do Porfiriato, quais os argumentos mobilizados para entender a imagem do presidente como o maior estadista do século XIX. Embora no livro da viajante existam várias nuances, sendo a representação de Don Porfirio muitas vezes construída de forma contraditória, Tweedie possuía uma idéia clara de que o presidente foi um bom governante por ter pacificado o México.

Olhando para aquele passado caótico, como muitas vezes ela registrou nos capítulos, diante do governo do general ela enxergava um país moderno, estável e próspero. Como ficou percebido, Díaz poderia ter errado em permanecer por muitos anos no poder, quebrado sua palavra em entrevista a James Creelman, mas a idéia final que a viajante inglesa fez do Porfiriato foi o de que o presidente modificou o país para melhor e era necessário que, diante deste novo quadro interno (ecosão da Revolução Mexicana), algum historiador e governante, fizesse justiça, em estudo, ao governo daquele que, para ela, continuou sendo o maior homem do século XIX. Citamos,

(...) Díaz returned to the Presidential chair on the 1st December 1884, and never vacated it until compelled. When his four years had expired, the country was under, the country was under changed conditions; the immense reforms and works for the development of Mexico that he had set on foot were uncompleted: it was felt that any change in the head of the State would at that time be disastrous; and so, with substantially the universal assent of his countrymen, the Constitution was again altered, that Díaz might continue President and carry on his laborious. This was not his doing, he did not initiate it; but he accepted the charge laid upon him by the nation. His work is imperishable. *Mexicans, I am sure, will regret the pitiful circumstances under which his fall has come about, and he will live long in the hearths of his countrymen.* (Grifo nosso) (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 479).

## II. *Barbarous Mexico*: o governo de Díaz e a paz alterada

É importante salientar que, até a discussão deste momento na monografia, a tópica recorrente se refere a uma comparação entre o México pós-1810 até 1876 e o país de Porfirio Díaz. Como Alec-Tweedie, tal querela influenciou vários escritores que pensaram o governo do general e explicaram a situação contemporânea a eles.

O livro pensado neste tópico, do periodista norte-americano John Kenneth Turner, nos dá uma proposta diferente dos autores aqui explicitados (tanto Tweedie, quanto Creelman, que será discutido na última parte). Como argumentaram Aurora Gómez Galvarriato e Mauricio Tenorio Trillo (2006), o livro do periodista norte-americano é considerado um dos marcos da historiografia ortodoxa conhecida como “antiporfirista”. Tal matriz historiográfica ganhou ênfase principalmente durante o período auge da Revolução Mexicana, embora já possuía contornos durante a presidência de Porfirio Díaz.

Turner iniciou o livro de 1911 explicando qual era seu objetivo. O autor deixou claro que, abaixo do Rio Grande, eclodiu um movimento contra o presidente da República e o escritor tinha o receio de que o governo estadunidense pudesse intervir na situação, corroborando com o Porfiriato e agindo contra tal movimento. O público alvo de seu trabalho, portanto, era a sociedade civil norte-americana que, informada, deveria pressionar o governo para que tal medida a favor de Díaz não fosse adotada.

A idéia do livro foi mostrar qual era o *verdadero* México existente durante os anos de 1876 a 1911. Para Gómez Galvarriato e Tenorio Trillo, Luis Wistano Orozco, Andrés Molina Enríquez e John Turner “marcan y deciden el inicio y futuro de la historiografía del autoritarismo porfiriano (...).” (2006, p. 49). O governo das leis sob o Porfiriato era para Turner uma mentira, além de a Constituição liberal promulgada em 1857 não ser cumprida. Como escreveu,

¿Qué es México? Los norteamericanos comúnmente llaman a México “nuestra república hermana”. La mayoría de nosotros a describimos vagamente como una república muy parecida a la nuestra, habitada por gente un poco diferente en temperamento, un poco más pobre y un poco menos adelantada, pero que disfruta de la protección de leyes republicanas: un pueblo libre en el sentido en que nosotros somos libres.

Algunos que hemos visto el país a través de la ventanilla del tren, o que lo hemos observado un poco en las minas o haciendas, describimos esta tierra al sur del Río Bravo como regida por un paternalismo benevolente, en el que un hombre grande y bueno todo lo ordena bien para su tonto pero adorado pueblo.

Yo encontré que México no era ninguna de esas cosas. Descubrí que el verdadero México es un país con una Constitución y leyes escritas tan justas en general y democráticas como las nuestras; pero donde ni la Constitución ni las leyes se cumplen. México es un país sin libertad política, sin libertad de palabra, sin prensa libre, sin elecciones libres, sin sistema judicial, sin partidos políticos, sin ninguna de nuestras queridas garantías individuales, sin libertad para conseguir la felicidad. (TURNER, 2010 [1911], p. 11).

Como perceberemos, a partir do exemplo desta citação, em todo o livro Turner tensionou a noção de “México real” e “México aparente”, este sendo o que Díaz e seu “sistema” (utilizando as palavras do autor, p. 95), ou seja, seus partidários, desejavam mostrar ao mundo. Para o escritor, qual era o verdadeiro país sob o governo do general? Segundo o periodista, uma administração que possuía uma retórica legalista, que seguia uma constituição liberal, mas, que de fato, não se cumpria. Aos viajantes que passeavam nos pomposos trens construídos durante o governo de Don Porfirio e voltavam aos Estados Unidos encantados com o que apreciavam, acreditando existir naquele país um bom governante que queria proteger e cuidar de sua nação, Turner iria defender que o que existia era uma alta supressão de direitos individuais do povo mexicano, a falta de partidos políticos atuantes no cenário público, alto controle da imprensa e, o que foi um dos argumentos principais da obra: de que no México existia escravidão.

Até o capítulo cinco do livro Turner argumentou que, durante o Porfiriato, existiu escravidão no México. O enfoque do autor, ao falar dos estados que possuíam alta porcentagem de escravos no país, foi Yucatán e o Valle Nacional. A autoridade que ele apresentava para defender tal questão era justamente ter viajado ao país e, lá, visto e ouvido

acerca deste modo de trabalho. Segundo François Hartog, o ver e ouvir algo produzem um “efeito de crença.” (1999, p. 274). Segundo Turner, “cada uno de los hechos fundamentales apuntados respecto a la esclavitud en México lo vi con mis propios ojos o lo escuché con mis propios oídos, y case siempre de labios de personas (...): los mismos capataces de los esclavos.”<sup>35</sup> (2010 [1911], p. 13). “Trata-se do olho como marca de enunciação, de um ‘eu vi’ como intervenção do narrador em sua narrativa para provar algo.” Além disto, “[a expressão] ver com seus próprios olhos [é] mais persuasiva que o simples ‘ver’, sobretudo quando se trata de algum fenômeno espantoso ou maravilhoso (*thaumásion*) (...).” (HARTOG, 1999, p. 274).<sup>36</sup>

Escravidão para Turner seria a propriedade que um indivíduo teria sobre outro, sendo até possível ele ser transferido a terceiros. Além disto, acrescentou, “propiedad que da al poseedor el derecho de aprovechar lo que produzca ese cuerpo, matarlo de hambre, castigarlo a voluntad, asesinarlo impunemente. Tal es la esclavitud llevada al extremo; tal es la esclavitud que encontré en Yucatán.” (2010 [1911], p. 16).

O quadro desenhado por Turner, tanto em Yucatán, como no Valle Nacional, é de indivíduos que trabalhavam em grandes fazendas sem receber dinheiro, com uma situação de moradia precária, onde mulheres e homens dormiam em um mesmo local, resultando muitas vezes em relações de promiscuidade. Somado a isto, muitos destes escravos, nas palavras do autor, eram castigados e açoitados sendo, para Turner, segundo explicações de um indivíduo mexicano, “la filosofía del castigo corporal”<sup>37</sup> (2010 [1911], p. 21).

---

<sup>35</sup> É importante salientar que, além de John Turner ter explicado que viu e ouviu acerca da escravidão mexicana, os seis primeiros capítulos, onde ele discorreu sobre como funcionava a escravidão e como era a situação dos peões das cidades, é toda composta com diálogos o que cada vez mais gerou um efeito de verdade do que o autor quis defender. Os demais capítulos não tiveram a mesma estrutura e, as fontes utilizadas pelo periodista, foram justamente as notícias de jornais tanto do México, quanto do próprio Estados Unidos. O interessante é que a todo o momento ele foi pedindo para que as pessoas, lendo sua obra, refletissem, imaginassem o que era descrito, e tomassem uma atitude diante da situação por que passava o México. Acreditamos ser também devido a estes fatores de disposição e argumentação textual que *Barbarous Mexico* possuiu à época grande repercussão nos Estados Unidos.

<sup>36</sup> Não podemos deixar de destacar que o livro de François Hartog se refere aos trabalhos de Heródoto e, não sobre o século XIX. Entretanto, algumas discussões feitas no livro nos ajudam a pensar a obra de Turner, principalmente quando este funda sua autoridade em um “eu vi” como funcionava o sistema de escravidão no México de Porfirio Díaz. As discussões colocadas por Hartog nos ajudaram a refletir sobre muitos aspectos da construção narrativa da obra do periodista norte-americano, mas é importante, como foi explicado, destacar que não é um livro que analise propriamente o oitocentos.

<sup>37</sup> Segundo o autor: “La filosofía del castigo corporal, me la explicó muy claramente don Felipe G. Cantón, secretario de la Cámara. “Es necesario pegarles; sí, muy necesario – me dijo con una sonrisa –, porque no hay otro modo de obligarles a hacer o que uno quiere. ¿Qué otro medio hay para imponer la disciplina en las fincas? Sí no lo golpearíamos, no harían nada.” (TURNER, 2010 [1911], p. 21).

A representação que Turner foi construindo do México porfirista é estabelecida em comparação com os Estados Unidos. Na passagem a seguir vemos como a situação destes “escravos” mexicanos (utilizando as palavras do autor na obra) é comparada com os trabalhadores norte-americanos, tanto coetâneos à época do livro, quanto com os “escravos” que existiam na parte sul dos Estados Unidos, antes da Guerra Civil norte-americana. Citamos,

El esclavo de Yucatán no tiene hora para la comida, como la tiene el obrero agrícola norte-americano. Sale al campo en la madrugada y come, por el camino su bola de masa agria. Agarra su machete y ataca la primera hoja espinosa tan pronto como hay luz suficiente para ver las espinas, y no deja para nada el machete hasta el atardecer.

(...)

Una y otra vez comparé, en la imaginación, el estado de los esclavos de nuestros Estados del Sur, antes de la Guerra Civil, y siempre resultó favorecido el negro. Nuestros esclavos del Sur estaban casi siempre bien alimentados; por regla general no trabajan con exceso; en muchas de las plantaciones rara vez se les pegaba; de cuando en cuando era costumbre darles algo de dinero para pequeños gastos y se les permitía salir de la finca por lo menos una vez por semana. (TURNER, 2010 [1911], pp. 28-29).

A obra de Turner, portanto, fez analogias entre o México e os Estados Unidos. É fundamental destacar, questão que será desenvolvida mais abaixo, que Turner não se referiu, ao escrever sobre o Porfiriato, aos conflitos civis por que atravessou o país até 1876. Tal assunto, que foi abordado pelos outros autores aqui estudados, não é discutido pelo periodista. Turner pensou o Porfiriato pelo próprio governo e a base para fechar suas conclusões foram justamente essas analogias com o vizinho do norte. Para o periodista, frente a um país federalista, com uma constituição de fato vigente, liberdade individual, etc., o México emergia como a antítese destas questões. “Para traduzir a diferença, o viajante tem à sua disposição a figura cômoda da inversão, em que a alteridade se transcreve como um antipróprio.” (HARTOG, 1999, p. 228). Os trabalhadores mexicanos não foram comparados apenas com os trabalhadores estadunidenses contemporâneos a eles, mas com os próprios escravos, legais, da época anterior à Guerra de Secessão (1861-1865).

O foco do tópico não é analisar a construção da representação dos mexicanos que trabalhavam nas grandes fazendas do país. O importante é destacar que, para o autor, o governo do México tinha participação no trato de escravos, sendo o culpado desta situação por que passava os trabalhadores. Como escreveu, esta instituição “bárbara” (2010 [1911], p. 88) que era a escravidão, algo que na Constituição era ilegal, existia no México e era sustentada pelo governo porfirista. Segundo o periodista, “confio en que con lo expuesto en

los capítulos anteriores [do livro], *haya quedado suficientemente clara e indudable la competencia participación del gobierno mexicano en la trata de esclavos.*” (Grifo nosso) (2010 [1911], p. 87). E assim complementava,

(...) es absurdo suponer que éste pueda ignorar una situación en la que la tercera parte de la población de un Estado está esclavizada. Además es bien sabido que centenares de funcionarios de los Estados y de Federación están constantemente dedicados a juntar, transportar, vender, vigilar y cazar esclavos. Como ya se hizo notar, todas las cuadrillas de enganchados que salen de la Ciudad de México o de otros lugares para Valle Nacional u otro distrito esclavista, son vigilados por los rurales del gobierno, guardias uniformados, quienes no obran por propia iniciativa, sino que se hallan tan sujetos a ordenanza como los soldados del ejército regular. (TURNER, 2010 [1911]: 87).

Após explicar a situação interna mexicana, percebemos que Turner não acreditava ser o México um país nos moldes democráticos, moderno e civilizado. Ao descrever todas essas relações de escravidão, como elas eram constituídas, entre outros aspectos, no final do capítulo o periodista perguntou de quem seria a culpa de tudo isto.

Para Turner a culpa desta situação seria do presidente Díaz e seus partidários governamentais. Sob tal governo o país via a prostração da população. Nas palavras do autor, nem em tempos da conquista espanhola os peões e os escravos eram “destruídos” e “reduzidos a pedaços” como durante o Porfiriato.<sup>38</sup>

Diferentemente de uma análise feita por Alec-Tweedie e James Creelman (bem como por Justo Sierra e Bernardo Reyes), que argumentavam que a população almejava o general na presidência e que suas atitudes eram conseqüências de seu patriotismo, Turner escreveu que Don Porfirio iniciou a “Revolução de La Noria” e, posteriormente, a de “Tuxtepec”, justamente por ser um ambicioso e desejar o poder presidencial. Como leremos na citação abaixo, a analogia feita pelo norte-americano para construir essa imagem de um presidente forte e central, que possuía todo o poder em suas mãos – embora Turner acreditasse que ele necessitava dos indivíduos que o cercavam para ter força no poder–, foi com Luis XIV que, durante seu governo, proclamou a famosa frase: "L'État c'est moi" e, sendo à época, a imagem do poder absoluto. Citamos,

Fue en este momento [o da consolidação do setor liberal en época da República Restaurada] cuando el general Porfirio Díaz, sin ninguna excusa válida y en apariencia sin otra razón que su ambición personal, inició una serie de revoluciones que finalmente lo llevaron a dominar los poderes

<sup>38</sup> “No quiero ser injusto con el General Díaz en ninguna forma; pero a pesar de que los señores españoles hicieron del pueblo mexicano esclavos y peones, nunca lo quebrantaron y experimentaron tanto como se le quebranta y destruye en la actualidad. En tiempos de los españoles él peón tenía por lo menos su pequeña parcela y su humilde choza; pero hoy no tiene nada.” (TURNER, 2010 [1911]: p. 95).

gubernamentales del país. Mientras prometía respetar las instituciones progresistas que Juárez y Lerdo habían establecido, instituyó un sistema propio, en el que su propia persona es la figura central y dominante; en el que su capricho es la Constitución y la ley; en el que los hechos y los hombres, grandes y pequeños, tienen que sujetarse a su voluntad: Como Luis XIV, Porfirio Díaz es el Estado. (TURNER, 2010 [1911], pp. 95-96).

Tendo em vista tais aspectos, para Turner, no ano de 1876 emergiu um governo personalista no país pautado pela ambição pessoal de um indivíduo que, segundo o escritor, tornou-se a corporificação do México, concentrando os poderes governamentais em suas mãos. Enquanto Benito Juárez e Sebastián Lerdo de Tejada foram vistos como governantes que respeitaram, de fato, a Constituição liberal de 1857, o governo de Díaz foi visto como uma dissimulação, sendo apenas democrático e liberal retoricamente.

Uma das questões mais importantes do livro foi quando Turner defendeu que havia paz no México anterior ao governo de Díaz, não sendo este quem a consolidou, mas sim a fez alterar. Segundo o autor, “la aparente tranquilidad de México es forzada por medio del garrote, la pistola y el puñal” (2010 [1911], p. 127). Em comparação com os escritores já mencionados, explicou que durante o governo de Benito Juárez, a partir de 1867, este promoveu no país, em sua relação com o mundo, um ambiente pacífico.

Así era México hace 40 años [republicano e constitucional]. Entonces México estaba en paz con el mundo: Había vencido, después de una heroica guerra, al príncipe Maximiliano, que había sido impuesto como emperador por el ejército francés de Napoleón III. El presidente Benito Juárez es reconocido en México como uno de los más hábiles y generosos patriotas. Desde que Cortés quemó sus naves en la Costa del Golfo, México nunca había disfrutado tales perspectivas de libertad política, prosperidad industrial y adelanto general.

Pero el general Porfirio Díaz, a pesar de esos hechos y de la circunstancia adicional de que estaba profundamente endeudado con Juárez – puesto que todos sus ascensos militares los había obtenido de él –, promovió una serie de rebeliones con el fin de adueñarse del poder supremo del país. Díaz no sólo encabezó una, sino tres rebeliones armadas contra un gobierno pacífico, constitucional y elegido popularmente. Durante nueve años se portó como un rebelde ordinario, con el apoyo de bandidos, criminales e soldados profesionales disgustados por la política antimilitarista que Juárez inició y que, si hubiera podido llevarla un poco más adelante, habría sido eficaz para impedir en el futuro rebeliones cuartelarias apadrinadas por la Iglesia católica. (Turner, 2010 [1911], p. 97).

As guerras civis, tanto anteriores ao governo do zapoteca quanto a partir da República Restaurada, não foram mencionadas no livro. O passado exposto pelo periodista referiu-se à época da intervenção francesa em solo mexicano, o “Segundo Império”. O problema esboçado pelos mexicanos à época e, também exposto por Tweedie e Creelman, de

um passado pós-independente caótico, cindido por guerras intestinas, em que o povo mexicano possuía um espírito turbulento, não foram mencionados por Turner.

Além disto, o povo não desejava Díaz na presidente da República. Para Turner, o general ascendeu à magistratura do país por meio da revolução que iniciara contra Lerdo e, apoiado em armas, não no povo, tornou-se presidente. Assim, permanecera no cargo contra a vontade da nação.<sup>39</sup> E, completou: “Como ningún hombre puede gobernar a un pueblo contra su voluntad sin privarlo de sus libertades, es fácil comprender qué clase de régimen se vio obligado a instaurar el General Díaz para asegurar su poder.” (2010 [1911], p. 98).

Para Turner, portanto, quem sofreu as conseqüências de uma ambição pessoal de poder foi o povo mexicano. O autor escreveu que não havia liberdades políticas no México, não existiam partidos atuantes no cenário público, parte da população estava escravizada por grandes fazendeiros, a situação dos peões das cidades e localidades rurais assemelhavam-se “al régimen de servidumbre en la Europa de la Edad Media.” (TURNER, 2010 [1911], p. 88). Somado a estes aspectos, o governo confiscava a terra da população para enriquecer as classes privilegiadas. Citamos,

En otras palabras, el general Díaz con su habilidad que nadie puede negar, se apropió de todos los elementos de poder que había en el país. Creó una maquinaria cuyo lubricante ha sido la carne y la sangre del pueblo. Premió a todos excepto al pueblo; éste fue al sacrificio. Tan inevitable como la oscuridad de la noche, en contraste con la gloria luminosa del dictador vino la degradación del pueblo: la esclavitud, el peonaje y todas las miserias que acompañan a la pobreza; la abolición de la democracia y de la seguridad personal creadora de la previsión, del respeto a uno mismo y de la ambición digna y honrada; en una palabra, desmoralización general, depravación. (TURNER, 2010 [1911], p. 98).

Sendo assim, para Turner, o México de Porfirio Díaz não era moderno e, não foi o presidente o indivíduo que estabeleceu a paz no país, mas sim a abalou. No livro, o jornalista criticou quem afirmava que o presidente foi o pacificador do México, que sob seu governo não havia “levantamentos revoltosos”. É importante analisar que, como muitos intelectuais mexicanos se preocuparam em descrever o país pós-1810 até 1876 como caótico, cindido por guerras civis e intervenções estrangeiras, Turner afirmava que foi Díaz que alterou a paz no México. Era um “sacrilégio” (2010 [1911], p. 235), afirmar que Díaz era o pacificador do país. Citamos,

---

<sup>39</sup> Escreveu: “En contra de la voluntad de la mayoría del pueblo, él general Díaz tomó la dirección del gobierno hace 34 años; en contra de la voluntad de la mayoría del pueblo ha permanecido allí desde entonces, excepto cinco años – de 1880 a 1884 –, en que cedió el Palacio Nacional a su amigo íntimo, Manuel González, con el claro entendimiento de que al final de ese período se lo devolvería.” (TURNER, 2010 [1911], p.98).

-¡Díaz, el pacificador, el más grande pacificador, más grande que Roosevelt!- exclamaba hace poco un político norte-americano en un banquete que se efectuó en la capital mexicana-. Estas expresiones, eran solo el eco de voces más altas. Recuerdo haber leído, no hace mucho tiempo, la noticia de que la *American Peace Society* había designado a Porfirio Díaz como su vice-presidente honorario en consideración a que este había establecido la paz en México. Tal teoría parece consistir en que la historia de México, anterior a Díaz, estuvo llena de guerras y de cambios violentos de gobierno, bajo Díaz no han ocurrido levantamientos violentos de largo alcance, por lo que necesariamente Díaz es una criatura humanitaria, semejante a Cristo, que se estremece ante la sola mención de derramamiento de sangre, y cuya bondad es tan ejemplar que ninguno de sus súbditos puede hacer otra cosa que imitarlo. (TURNER, 2010 [1911], p. 232).

No último capítulo do livro, intitulado “El pueblo mexicano”, o periodista encerrou seu argumento explicando sobre a situação da população mexicana sob o governo de Porfirio Díaz. Diante da concepção de progresso das civilizações, afirmava que o México estava “muito atrás dos Estados Unidos”, mas era necessário entender esta situação devido aos fatos históricos por que passou o país. Se, diante do progresso norte-americano, o território abaixo do Rio Grande era atrasado, tal situação era enfatizada por eles viverem sob o governo de Porfirio Díaz. Concluiu o autor,

Con seguridad México se encuentra muy atrás de los Estados Unidos en la marcha del progreso; muy atrás en las conquistas de la democracia; pero al juzgarlo, seamos justos y consideremos lo que la suerte histórica en comparación con que le ha dado a los mexicanos. Nosotros, los norteamericanos hemos sido afortunados al no haber estado dominados pela España durante 300 años; hemos sido afortunados al escapar de las garras de la Iglesia católica y al no haberla tenido aferrada a nuestras gargantas desde nuestra infancia; finalmente hemos sido afortunados al no haber sido dominados, en los momentos de debilidad que siguen a una guerra extranjera, por uno de nuestros propios generales, quien bajo el disfraz de presidente de nuestra Republica, quieta y astutamente, con la astucia de un genio y la falta de escrúpulos de un asesino, construye una máquina represiva, como ninguna otra nación moderna se ha visto obligada a destruir. Hemos sido bastante afortunados al escapar al reinado de algún Porfirio Díaz. (p. 257).

## **II.II Turner e sua crítica ao governo norte-americano**

O livro de Turner não dialogou diretamente com os mexicanos, tendo como objetivo informar a população civil norte-americana da opressão por que passava a nação abaixo do Rio Grande. Além disto, o periodista queria deixar clara a participação do governo dos Estados Unidos nesta situação. Ao mesmo tempo em que o livro fez uma crítica ao governo mexicano, não podemos deixar de abordar a censura feita por Turner ao próprio Estados Unidos. Citamos,

¿Por qué los ciudadanos de los Estados Unidos, respetuosos de los principios que defendieron sus ancestros del 76, que dicen reverenciar a Abraham Lincoln , más que nada por su proclama de Emancipación, que se estremecen al pensar en la forma engañosa de contratación de braceros del Congo, en los horrores de la Siberia rusa, en el sistema político del zar Nicolás, por qué tales ciudadanos disculpan y defienden una esclavitud más cruel, una peor opresión política y un más completo y terrible despotismo... en México? (TURNER, 2010 [1911], p. 191).

Sendo assim, Turner fez alusão ao presidente que governou os Estados Unidos à época da eclosão da Guerra Civil e ficou conhecido como o “Grande Emancipador”, Abraham Lincoln. Segundo C. Sellers, H. May e N. McMillen “ele presidira o país durante a guerra mais sanguinolenta de toda a experiência norte-americana, preservando a União como terra de liberdade e a última e melhor esperança da humanidade.” (1990, p. 201). Além da referência ao presidente, o periodista também mencionou o problema dos branceiros do Congo, região que, no século XIX, ficou sob domínio do rei Leopoldo II, da Bélgica; a colonização russa na Sibéria que, nos oitocentos, tornou-se um lugar de deportação de exilados políticos e; o governo do imperador russo Nicolau II. Estes exemplos demonstram a crítica feita pelo escritor às formas de imperialismo e modelos governamentais que não prezavam pela liberdade de sua população.

A crítica, portanto, que Turner fazia aos Estados Unidos era justamente a atitude do governo, dos periodistas que elogiavam o Porfiriato e dos grandes fazendeiros que possuíam negócios abaixo do Rio Grande, de aceitarem a situação por que passava o México. O objetivo do periodista era fazer com que a população civil estadunidense percebesse este apoio e também criticasse, impedisse que o governo americano interviesse contra a Revolução Mexicana. A justificativa que o autor apresentou, por parte de fazendeiros e editores de periódicos que faziam apologias ao governo porfirista, era o interesse financeiro que estes possuíam no país. Havia interesses comerciais por parte dos Estados Unidos, bem como o desejo de obter concessões de terras e privilégios em território mexicano.

Sobre este ponto podemos refletir acerca de uma questão: até onde, na obra de Turner, o governo de Díaz é visto como uma administração forte e autônoma? Devido ao fato dos Estados Unidos possuírem interesses no México e achar importante a permanência de Díaz na presidência, em algumas partes o autor chegou a escrever que Don Porfirio resistia no poder devido ao respaldo norte-americano. Segundo a citação abaixo,

[Os norte-americanos] desean perpetuar la esclavitud mexicana, y consideran que el general Díaz es un factor necesario para ello; por esta razón le han otorgado su apoyo unánime y total. Mediante el predominio sobre la prensa han glorificado su nombre, que de otro modo debería repugnar a todo el

mundo. Han ido mucho más lejos aún: por medio del dominio que ejercen sobre la maquinaria política norteamericana, el gobierno de los Estados Unidos ha mantenido a Díaz en el poder cuando debiera haber caído. El poder policíaco de los Estados Unidos se ha usado en la forma más efectiva para destruir el movimiento de los mexicanos destinados a abolir la esclavitud, y para mantener en su trono al principal tratante de esclavos del México bárbaro: Porfirio Díaz.

Todavía podemos dar otro paso en las generalizaciones. *Al erigirse en factor indispensable para la continuación de Díaz en el poder, por medio de la asociación en los negocios, de la conspiración periodística y de la alianza político y militar, los Estados Unidos han convertido virtualmente a Díaz en un vasallo político, y en consecuencia, han transformado a México en una colonia esclava de los estados Unidos.* (Grifo nosso) (TURNER, 2010 [1911], p. 196).

A partir desta passagem, podemos inferir que os Estados Unidos respaldavam, para Turner, o governo de Díaz, uma vez que possuía interesses comerciais no país. Para o periodista, o governo norte-americano “mantinha Díaz no poder quando este já deveria ter caído” (devido ao movimento revolucionário iniciado em 1910). O ponto central é a afirmação do periodista de que “os Estados Unidos teriam convertido virtualmente a Díaz em um vassalo político, e em consequência, transformado o México em uma colônia escrava.” Até que ponto, portanto, o presidente mexicano possuía tanta força ou, tinha ele se transformado em um vassalo nas mãos do governo norte-americano? Embora não tenhamos a resposta, é interessante pensar a posição do governo de Díaz frente aos Estados Unidos. Da mesma forma que o livro se constituiu como uma crítica aberta ao porfirismo, ela também teceu censuras ao governo norte-americano. O pedido de Turner à sociedade americana foi o de não deixar que o governo contribuísse com o Porfiriato em abafar o movimento revolucionário de 1910.

### **III. Díaz, master of Mexico: James Creelman e a legitimação do Porfiriato frente ao passado caótico mexicano**

O último escritor trabalhado neste capítulo refere-se ao periodista norte-americano James Creelman que, em 1911, publicou *Díaz: master of Mexico*. Creelman foi o famoso entrevistador do presidente quando, em 1908, este concedeu a palavra à revista norte-americana *Parson's Magazine*, informando que não iria mais se candidatar a presidência do país nas próximas eleições.

O objetivo do periodista em escrever o livro foi justamente se posicionar a respeito dos vários trabalhos que estavam sendo produzidos no México e no exterior sobre o presidente mexicano. Buscando objetividade, no início da obra escreveu: the object of this

work is neither to attack nor to defend, but to explain, the most interesting man of the most misunderstood and misrepresented country in the world. (2011 [1911], p.VI).

A obra, como veremos, dialogou explicitamente com o livro de Turner, sendo que Creelman adotou uma postura de defesa e legitimação do governo de Porfirio Díaz. Ao referir-se ao escritor de *Barbarous Mexico* como um sensacionalista que inventou fatos acerca do país e do governo (principalmente no que tange ao argumento de Turner sobre existir escravidão no México), Creelman defendeu o Porfiriato. Argumentando sobre a existência de um passado caótico pós-independência no México, uma vez que este passou por várias intervenções estrangeiras e guerras internas, o Porfiriato foi visto como um momento de pacificação do país, bem como de prosperidade e progresso. A tópica sobre a pacificação do México sob o governo de Díaz, como vimos, também foi defendida por Alec-Tweedie e os intelectuais mexicanos.

Mexico was socially and politically disorganized, bankrupt, lawless. All the highways were commanded by bandits, who invaded great cities and plundered even in the streets of the capital. The republican form of government had been saved, but life and property were everywhere insecure. Foreign capital had withdrawn from the country and commerce was paralyzed. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 302).

A partir da passagem acima, devido a todos os fatos históricos que ocorreram, o país para Creelman estava quase ingovernável. Bandidos saqueavam cidades, o território esta “socialmente e politicamente desorganizado, quebrado e sem lei”, a insegurança pairava no México. Diante deste passado descrito pelo autor, era necessário que um governante forte conseguisse transformar o país em um território pacífico, onde vigesse a ordem pública, estabilidade, e não mais a anarquia. O problema da presidência de Benito Juárez, embora este tivesse sido um governante patriótico, era ter administrado o país demasiadamente sob a lei constitucional em um momento em que era necessário mais rigor para modificar a situação interna do México. Para Creelman, diante deste ambiente instável por que passava o país anterior a 1876, o México necessitava de um poder Executivo forte.

Creelman, ao falar sobre a transição de Porfirio Díaz de general, que combatia no Exército, à presidente da República, explicou sobre a conjuntura mexicana em tempos do governo de Juárez:

President Juárez now represented national stagnation. The triumph of the principles of independence and self-government was in itself almost barren of results. What was needed was a bold and powerful initiative that could turn from the past to the future and resolutely take the practical road to prosperity. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 312).

Não estando mais de acordo com a presidência do zapoteca, Porfirio Díaz decidiu retirar-se do Exército nacional e voltar para Oaxaca. Já em seu estado natal, escutando sobre os fatos que se passavam no país, e diante da proposta de reeleição de Juárez, Porfirio Díaz expediu um plano chamado “Plano de La Noria”, cuja principal proposta era a não-reeleição para a presidência da República. A revolta perdeu razão de ser, uma vez que, em 1872, Benito Juárez faleceu e Sebastián Lerdo de Tejada, então presidente da Suprema Corte de Justiça, assumiu o poder.

O presidente Sebastián Lerdo de Tejada se mostrou um governante ruim. Sob seu mandato, “justice was prostituted everywhere to politics. The elections were a farce. The Constitution was ignored. Public instruction was practically abandoned.” (CREELMAN, 2011 [1911], p. 331). Havia um grande temor no país de que o México novamente passasse por momentos de guerras civis. Foi diante desta situação que Díaz tomou a atitude de, em prol da nação, combater o governo de Lerdo e governar o país. Citamos,

Instead of opening up the resources of prosperity, Lerdo occupied himself in party politics. Bad conditions grew worse. Lerdo was denounced on all sides. Still the President schemed to succeed himself in office. He, like Juárez, relied upon the abstract force of laws. Intoxicated by the theory that the printing of democratic principles can save all peoples in all conditions and at all times, he overlooked the tremendous fact that political institutions are powerful only to the extent that they express instincts and capacities of the people to whom they apply, and that government is an act, not a theory. (p. 330).

Segundo Creelman, na primeira magistratura, Porfirio Díaz precisou governar com pulso firme para restabelecer a paz interna e incorporar o México no quadro das nações civilizadas. Tendo em vista tal aspecto, as atitudes do novo presidente para combater a bandidagem foram legitimadas pelo escritor. Não era possível apenas se governar um país através de teorias, o México necessitava primeiro de ordem para que, assim, as leis funcionassem. O periodista, ao se remeter aos governos anteriores, de Juárez e Lerdo, intitulava-os de “democracias imaginativas” (*imaginative democracy*)<sup>40</sup>. As posturas do presidente foram legitimadas porque ele agia pelo bem público e não por ambições pessoais.<sup>41</sup>

<sup>40</sup> Para Creelman, os governos de Juárez e Lerdo prezaram muito pelas teorias de governança em uma época que se necessitavam ações práticas e rápidas contra a anarquia existente no México, principalmente devido a pulverização da bandidagem no país. Escreveu o periodista a respeito das atitudes de Juárez, quando na verdade, o México precisava de um governo com “pulsos firmes” e ações efetivas: “The lawyerlike mind of Juarez shrank from de blunt soldier’s plan for dealing sudden and terrible justice to bandits. *Still intent upon the exact forms of law, although the law was powerless, he answered that, under the Constitution, highway robbers were entitled to trial in the ordinary courts. They were citizens of the republic and could not be deprived of their legal rights.* (2011 [1911], p. 303 - Grifo nosso).

<sup>41</sup>No capítulo XXX do livro Creelman copiou parte dos dizeres do presidente Díaz ao explicar a necessidade de, em um primeiro momento do governo, administrar o país com um pouco mais de rigor, devido a existência de

His clear mind saw that it would be a mockery of government to talk about individual rights and Constitutional forms of justice while armed robbers held the highways of the nation, and he slew the outlaws without pity wherever they were found, until an unspeakable terror of the new government spread to the remotest mountain strongholds of crime. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 347).

À frente do governo, Díaz regenerou o México, ou seja, diante daquele passado turbulento, o presidente novamente havia gerado o país, este se tornava próspero. Nas palavras do autor: [Porfirio Díaz] “has made it possible to bring civic and social healing to México.” (2011 [1911], p. 351).

Diferentemente do que argumentou John Turner, para James Creelman a população do México desejava Díaz frente à primeira magistratura. Quando ele saiu da presidência em 1880, fim de seu primeiro mandato, o jornalista escreveu que muitos tinham o receio que o ambiente de instabilidade retornasse ao território. Em 1884, “from all parts of the country there went up a cry for the return of Porfirio Díaz to power. Not only were all classes beginning to feel the effects of extravagance and spoliation (...), but the very life of the republic seemed to be menaced.” (CREELMAN, 2011 [1911], p. 375).

Ao voltar ao governo, suas reeleições também foram explicadas pelo escritor como atitudes em prol da nação. “The subsequent reelection of President Díaz for four-year terms in 1892, in 1896, and in 1900, and his reelection for six-year term (...) are the result of a national determination to continue his great policy of peace and progress as long as he can be persuaded to serve.” (2011 [1911], p. 380). Diferentemente de Turner, Creelman justificava a permanência do presidente no poder devido à vontade nacional.

Ao falar sobre os feitos do presidente, o escritor ressaltou o equilíbrio econômico do país, o desenvolvimento da instrução pública, do sistema bancário, do sistema ferroviário, entre outros fatores. O ponto que Creelman mais enfatizava era a respeito da pacificação do país sob o Porfiriato. Como perceberemos na passagem abaixo, sob o Porfiriato “a nacionalidade mexicana emergiu das cinzas do passado”. Citamos:

The pomp and grace of the old Spanish aristocracy have vanished; the glory, mystery, and power of the privileged Church have disappeared; the dashing, jingling whiskerandos of the revolutions have gone; the picturesque excitements of brigandage, kidnapping, and rioting are no more; and the thrill of bankruptcy no longer adds its touch of tragedy to general ignorance

---

bandidos no país: “It is true that we were harsh. Often we were harsh to the point of great cruelty. Yet it was necessary then to the lie and progress of the nation. The results that. It was right that a little blood should be shed, so that much blood should be saved. The blood we shed was bad blood; the blood of saved was good blood.

‘Mexico needed peace, even an enforced peace, that the nation might have time to think and work. The army began the task; education and industry carried it on.’” (CREELMAN, 2011 [1911], p. 349).

and demoralization. Mexico has become a peaceful, prosperous, debt-paying country. Yet there is still to be found in the wild grandeur of her scenery, the romance of her ancient ruins, the picturesque and quaint characteristics of her lovable people, the indescribable interest of her cities and villages, and the almost staggering richness of her unplowed and undigged wealth – there is to be found in these and other things a charm not easily to be felt elsewhere in the world. But that which takes hold of the deeper imagination is the sight of a nationality rising bravely and steadily out of the ashes of the past. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 389).

Sendo assim, embora ainda existisse parte de um México intocável para Creelman, “as pitorescas e singulares características de seu amável povo, o indescritível empenho de suas cidades e vilas, e uma riqueza impressionante quase intocada”, a nacionalidade do país emergia das “cinzas do passado”. O México estava em paz, “the vast system of hospitals, asylums, libraries, museums, and schools daily preach the gospel of peace.” (CREELMAN, 2011 [1911], p. 417).

Diferentemente do que afirmou Turner, para Creelman não existia escravidão no México, e sim um sistema de peonagem. Embora o periodista não tenha se referido abertamente ao livro de Turner, escreveu:

One of the most atrocious falsehoods spread abroad by the foes of the Mexican Government is the statement that the actual human slavery, open and recognized, exists in various parts of the republic, particularly in Yucatan. The author of this book has taken pains to investigate the hideous tales, in which the tortures of the slaves are set forth; the whipping to death of men unwilling or unable to work; the wholesale and undisguised debauchery of their wives and daughters; the misery and horror of servile life on the great henequen, or hemp, plantations; the connivance of the courts and executive officials respecting the vast scene of bondage, brutality, injustice, and even deliberate murder existing before their eyes; and the gross and open immorality of the wealthy ruling families. Many weeks were spent in Yucatan, both with the planters themselves and among the workers in the fields, both Mayas and Yaquis. To test the nature of the work the author actually labored in the fields, cutting henequen with his own hands under the noonday tropical sun, and carrying the heavy bundles of leaves cut in a given period by one whose hands and muscles were soft, and who was unaccustomed either to the work or the climate. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 404).

E, concluiu:

The truth is that the sensational writers and their revolutionary accomplices who have thrilled the uniformed American and British peoples with stories of slavery in Yucatan, and have pictured the capture of honest and patriotic Yaqui populations in oppressed Sonora and their deportation to Yucatan, where they were sold into slavery, to be worked to death among the trembling and beaten Maya slaves of the country, have mixed up two questions in their desire to wrong the Mexican name, and have invented much of the rest.

The Yaqui trouble is a military question pure and simple, while the so-called debt servitude practiced among the Mayas on the henequen plantations is a feature, not of slavery, but of peonage, the result of patriarchal conditions and habits many centuries old. (CREELMAN, 2011 [1911], pp. 404-405).

Portanto, Creelman referiu-se à Turner como um dos “escritores sensacionalistas” que, “misturaram duas questões de seu interesse para sujar o nome do mexicano, e inventaram grande parte do resto.” Para o primeiro, não havia escravidão no México, mas sim um sistema de peonagem que advinham de “hábitos patriarcais de muitos séculos de idade”.<sup>42</sup> O problema do governo mexicano com os Yaquis era devido a insubordinação destes frente à administração nacional, a vontade de se tornarem independentes: “in 1906 the situation in Sonora had become intolerable. The development of the great state was impossible while the Yaquis continued to assert their preposterous claim of independence and perpetuate a reign of murder, plunder, and incendiarism.” (CREELMAN, 2011 [1911], p. 407). Creelman argumentava que o que fez o Porfiriato diante desta situação com os índios, em levá-los de Sonora para Yucatán, foi um ato de “misericórdia”, entre as duas alternativas que o governo possuía para solucionar o conflito, exterminar os índios ou enviá-los à Yucatán. Explicou:

President Díaz was confronted with but two alternatives: either the Yaquis must be exterminated to some other region. All attempts to conciliate the tribe had failed. Thereupon the president 5,000 or 6,000 Yaquis taken by force to distant Yucatan, where labor was in great demand on the henequen plantations, and where they were distributed as labors among such planters as would be likely to prevent any of them from returning to Sonora. This stern, but comparatively merciful, policy has practically settled the fearful Yaqui question, and to-day a thousand new forces of productive civilization are at work in Sonora. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 407).

A idéia final a que chegou James Creelman sobre o governo de Porfirio Díaz foi a de que todas as atitudes do presidente foram tomadas em benefício da nação. Após muito tempo o México estava pacífico, o país prosperava e progredia. Trens uniam o território, linhas telegráficas foram construídas, o setor financeiro estava equilibrado (“Hacienda”). Até o ano de 1876 a bandidagem era aguda no país, mas Díaz conseguiu regenerá-lo. Em uma das últimas páginas do livro escreveu,

<sup>42</sup> É importante destacar que James Creelman comparou a situação dos trabalhadores de Yucatán com os da Pensilvânia (Estados Unidos). Para o periodista a situação dos trabalhadores norte-americanos nesta região era pior do que a dos indígenas no México. Ao se remeter aos dois países o norte-americano retirou a singularidade da situação dos trabalhadores de Yucatán. Além de afirmar ser tal situação pior na Pensilvânia. “It is undeniable that there are many evils attendant on this custom of allowing, or enticing, henequen workers to go heavily in debt to their employers, and that here and there a planter takes advantage of his power and isolated position to be cruel or unjust; yet taken large and small, the conditions of labor in Yucatan are not much worse than they were in some of the coal fields of Pennsylvania under the old company-store system.” (CREELMAN, 2011 [1911], p. 405).

It is undeniable that President Díaz has the power of an autocrat; but that power grew out of the necessities of the Mexican nation. His rule has not been always government by the people, but it has invariably been government for the people. He has made the executive authority supreme and practically irresistible in what is theoretically a government of balanced powers, and his astonishing prestige and popularity, both as soldier and statesman, have converted popular elections into virtual ratifications of his known opinions and wishes. Yet even his bitterest foes have not suggested that he has shown the faintest inclination to bring about the hereditary perpetuation of his rule. His son, Colonel Porfirio Diaz, Jr., an able and successful engineer-architect, earns his income tax as a private citizen, and has not been encouraged to seek political promotion; and his charming wife and daughters are among the most retiring of Mexican women. He has had to govern sometimes by sheer strength, but he has really governed – and he is still a comparative poor man; and he has kept the Constitution unchanged for the future, when the Mexican people will be ready for the heavy burdens of individual responsibility which it confers. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 419).

Portanto, para o periodista norte-americano Díaz havia concentrados poderes em suas mãos, o poder Executivo era forte, “poder de um autocrata”. Mas, percebemos que, para Creelman, tais atitudes foram necessárias. Díaz não emergia no livro como um ambicioso, ele governou “para o povo” e a nação o desejava no poder. Diante de uma memória de um passado turbulento os mexicanos acreditavam no governo de Don Porfirio. E voltando-nos ao “Prefácio” do livro, a idéia de Creelman foi concluída, um “líder latino-americano”, que foi o “mestre do progresso e abundancia comparativa”:

(...) In times of radical agitation, when sentimental democracy screams its epigrams against the hard, rough slow work that confronts organized society in all countries, there is much to be learned in the life of this greatest Latin-American leader, from his brilliant, fighting youth to his white old age, in which he sits the acknowledged of progress and comparative plenty. (CREELMAN, 2011 [1911], p. VI).

\*\*\*

Como dito no início do capítulo, o objetivo foi analisar três obras de intelectuais estrangeiros que escreveram sobre o governo do presidente Porfirio Díaz. Ao final do trabalho percebemos que muitas questões foram levantadas, necessitando muitos pontos ainda de uma pesquisa mais aprofundada. Contudo, a partir das discussões feitas, percebemos como existiram, durante o governo do presidente Porfirio Díaz, matizes historiográficas sobre o porfirismo. Compreender tais contornos avaliativos sobre o governo do general é importante para as pesquisas sobre o período histórico. Autores elogiavam o governo, bem como outros

criticavam. Em 1911 buscava-se uma explicação para o movimento revolucionário de 1910, livros disputavam uma memória a ser deixada sobre o governo mexicano: teria sido Díaz herói ou vilão?

Além disto, a historiografia revolucionária sobre o porfirismo (pós-1911) foi construída para deslegitimar o governo de Don Porfirio. Os autores que pensavam e escreviam acerca do Porfiriato estavam em diálogo, por exemplo, como a obra de John Kenneth Turner, indivíduo que, como vimos, mesmo durante o governo do general Díaz, já criticava abertamente o governo, taxando-o de despotismo tirânico.

O objetivo do texto não foi buscar uma resposta, mas entender como existiram várias representações sobre Porfirio Díaz. Turner, como explicaram Aurora Gómez Galvarriato e Mauricio Tenorio Trillo (2006), foi um dos escritores que contribuiu para uma nova avaliação sobre o governo que, a partir da Revolução Mexicana, consolidou-se como uma, segundo Paul Garner (2003), historiografia “antiporfirista”. Contudo, acreditamos que os discursos sobre a pacificação do país sob a presidência do general, percebida em Alec-Tweedie e Creelman, também necessitam mais estudos e atenção. Como vimos, tal tópica é recorrente nos escritos estrangeiros e mexicanos. Autores mexicanos como Bernardo Reyes, Justo Sierra e, até mesmo Francisco Ignacio Madero, não deixaram de discutir sobre esta questão. Diante da memória de um México turbulento pós-independência, sob o governo de Díaz o país ganhava contornos pacíficos.

Pesquisar estrangeiros que escreveram sobre o governo de Díaz tornou-se um desafio. Como um indivíduo de um outro país representava o México? Embora tenha ficado mais explícito no livro de John Turner, Alec-Tweedie e James Creelman também fizeram analogias com seu próprio país para explicar alguma situação mexicana. Embora não adentramos no assunto, os autores comparavam os indivíduos mexicanos e a sociedade, de uma forma geral, com os de seu país de origem. Sobre este ponto as idéias de François Hartog foram importantes para pensarmos estas representações e analogias.

Por fim, como vimos, havia uma grande circularidade de informações no exterior sobre o que acontecia no México. Alec-Tweedie, por exemplo, citou a obra de Madero, *La sucesión presidencial de 1910* (1909), em seu livro. Mesmo sendo publicada meses antes, Turner já criticava explicitamente a obra de James Creelman. Diante de representações tão díspares existiam projetos políticos a serem legitimados, bem como um ideal de governo a ser seguido.

## Conclusão

Como explicitado na “Introdução” deste trabalho monográfico, o escopo foi, a partir da análise de livros de indivíduos que escreveram sobre o Porfiriato, ainda durante o regime presidencial de Porfirio Díaz, estudar as mudanças de matriz historiográfica entre o período de estabilidade do governo do general, até a eclosão da Revolução Mexicana (1910) e a renúncia do presidente, em 1911. Trabalhar com estas mudanças de avaliação sobre o governo é importante para os estudos sobre o porfirismo, além de serem pesquisas escassas no ambiente acadêmico.

Nesta última parte, portanto, retomaremos os dois argumentos importantes percebidos nos autores aqui estudados, que fizeram com que eles se aproximassem, ou se afastassem em idéias e propostas: o discurso sobre a pacificação do México sob o governo de Porfirio Díaz e, posteriormente, a crítica à perpetuação do presidente no poder. Como vimos no primeiro capítulo, Bernardo Reyes, Justo Sierra e Francisco Madero possuíam idéias divergentes sobre o governo em que viviam, mas, um ponto de aproximação que percebemos central em suas obras, foi a afirmação que Porfirio Díaz estabeleceu a paz no país a partir de 1876.

Segundo Reyes, Díaz tornou a gerar um país que, por muitos anos, estava ameaçado de perder sua soberania nacional. Dos escombros das guerras civis entre conservadores e liberais, Sierra via emergir uma nação que caminhava nos trilhos do progresso. O México estava pacífico. Para Madero, o país estava em paz, necessitava apenas estar sob o governo da lei:

General Díaz: Perteneceís más a la historia que a vuestra época, perteneceís más á la Patria que al estrecho círculo de amigos que os rodea; no podéis encontrar un sucesor más digno de vos y que más os enaltezca que la LEY. Declaraos su protector y seréis la encarnación de la Patria. Declarándola vuestra sucesora, habréis asegurado definitivamente el engrandecimiento de la República y habréis coronado espléndidamente vuestra obra de pacificación. (MADERO, 1909, pp. 246).

Mas, como percebemos no trabalho como um todo, os escritores estrangeiros também mencionavam este passado Mexicano caótico. As intervenções civis e os conflitos entre liberais e conservadores também foram temas de seus livros. James Creelman e Ethel Brilliana Alec-Tweedie legitimaram e elogiaram o governo do presidente por ele ter conseguido estabelecer o “evangelho da paz” (para lembrar os dizeres de Creelman) e elevar a nação ao concerto dos países civilizados: “the visit of Díaz and his Bride to the United States at that time was the occasion of many notable demonstrations of American respect and admiration for the man who beginning to be recognized in all civilized countries as the strongest, wisest, and most worth of Mexican leaders.” (CREELMAN, 2011 [1911], p. 369).

Uma administração com “pulsos firmes” era necessária para se acabar com a bandidagem no país. Sendo assim, percebemos que havia uma grande circularidade de informações e livros na época. Os escritores liam as produções dos outros autores, Creelman criticava Turner, chamando-o de “sensacionalista” e “mentiroso”. Este dizia que Creelman “dejó de ser empleado de *Parson’s Magazine* para atender al llamado de Díaz.” (2010 [1911], p. 189). Tweedie tentava entender as críticas à Don Porfirio a partir dos argumentos de Madero, etc.

Contudo, a proposta que deixamos para uma pesquisa futura mais aprofundada é estudar como estes estrangeiros mobilizaram e utilizaram as próprias “Memórias” (publicadas em 1892) e diários de Porfirio Díaz. Creelman e Tweedie leram, mencionaram e utilizaram os escritos do presidente<sup>43</sup>. Sendo assim, a proposta de um novo estudo é mapear tais leituras nas obras destes estrangeiros, deixando como hipótese que estes autores construíram este passado mexicano a partir principalmente dos relatos de Díaz, já que suas “Memórias” não narravam sobre suas ações enquanto governante do México, mas sim da época como militar, que combateu as forças conservadoras no país em várias batalhas.

<sup>43</sup>Alec-Tweedie: How little I then dreamt I should write his life from his diaries and letters five years later. (TWEEDIE, 2011 [1911], p. 141).

James Creelman: The author has had the advantage of many extended conversations with President Díaz and the other leading men of the Mexican republic. Much has been drawn from the President’s private memoirs. Many books and records have been searched and many parts of Mexico visited. All financial statements are to be understood as in Mexican currency. (CREELMAN, 2011 [1911], p. VI).

Com efeito, a questão sobre a paz foi importante e assunto mobilizado por vários escritores. Atentarmos para tal discurso é fundamental para entender os elogios ao presidente. Creelman, por exemplo, afirmava em 1911 que muitos escritores censuravam o presidente estando eles já em um ambiente pacífico, estável e próspero. Era necessário entender os feitos de Don Porfirio a partir do que foi transformado no país. Aos críticos, ele respondia:

The immensity of this feat can hardly be understood in these days of Mexican orderliness and progress. For many years the robbers had been so bold that they seized villages and forced loans from them, sometimes burning the public buildings and occasionally carrying off the officials and holding them for ransom. (CREELMAN, 2011 [1911], p. 369).

Segundo Tenorio Trillo e Gómez Galvarriato, portanto, atentarmos para esses discursos sobre a *paz porfirista* é importante. A historiografia atual sobre o Porfiriato, muito marcada por uma postura de análise pejorativa ao governo de Díaz devido à Revolução Mexicana, pronuncia *pax*, para “darle un dejo de ironía romana, de paz impuesta (...)” (2006: 19). Voltar a analisar esses discursos de pacificação são importantes. Para os autores mencionados na citação acima,

En efecto, la paz es el centro de la política y sociedad del Porfiriato y, curiosamente, no ha merecido más comentario que la burla. Es decir, los historiadores no hemos creído en la paz porfiriana, aunque, por lo que se lee en documentos y panfletos, la clase política porfiriana y la gente común, dependiendo del lugar donde se encontrara, creían en ella. Varios movimientos locales apelaban al presidente, al de la paz, en nombre de, o chantajeando a, la paz. Pero la paz no ha sido bien vista historiográficamente, por fingida, por ser un logro menor, una cosa solo real en el México urbano y en la seguridad de caminos, “caminos de hierro” y carreteras. La verdad es que la paz se convirtió en la mercancía que el régimen marcaba con propios y extraños. Y era el centro de varias alianzas intra, entre y extra clases y grupos. No obstante, ni como concepto, ni como práctica, la paz ha merecido análisis. Estudiar la paz porfiriana sería estudiar no los límites de la política que no fue, la democrática, sino los parámetros de la política entonces posible; sería estudiar negociaciones y conflictos, violentos y no, en la lógica de una estabilidad apreciada y defendida por varios sectores y no solo impuesta militarmente –15000 soldados y 2000 rurales, más unos cuantos cientos o, si se quiere, miles de guardias de una índole o de otra no explican tres décadas de poca violencia generalizada y estabilidad institucional–. (TENORIO TRILLO; GÓMEZ GALVARRIATO, 2006, p. 47).

O livro de John Kenneth Turner, entretanto, teceu uma crítica aberta ao presidente mexicano. O Porfiriato foi pilar da escravidão no país. Díaz era um indivíduo ambicioso que queria permanecer na primeira magistratura da República (o que, de certa forma, também afirmou Francisco Madero). O presidente concentrava tanto poder em suas mãos que ele

próprio havia se tornado o México. Assim, o povo sofria sob seu governo. Para o periodista, contrariamente aos argumentos de outros autores, o país era atrasado. Ao longo do livro, muitas passagens fizeram analogias às instituições da Idade Média, produzindo uma idéia de que o México não era moderno sob o governo de Díaz, muito menos pacífico. Os Yaquis de Sonora eram enviados a Yucatán sob condições de escravidão e, para ele, o governo de Díaz corroborava com esta situação<sup>44</sup>.

A partir da primeira década do século XX, o governo de Don Porfirio passou a receber muitas críticas, principalmente devido a sua permanência no governo. Como explicado nos capítulo dois, o livro de Turner é um dos exemplos desta mudança clara de representação do governo mexicano (bem como não podemos deixar de dizer que o próprio livro de Francisco Madero também fez fortes críticas ao governo do presidente, contribuindo para a mudança de avaliação sobre o Porfiriato). Com a pulverização da Revolução as críticas passaram a ser mais fortes. A historiografia sobre o Porfiriato ganhou novos contornos, passando a censurar veementemente o governo do general. De grande pai da nação ele passou a ser representado como um ditador tirânico, concentrando em suas mãos uma grande parcela de poderes políticos e suprimindo a dinâmica partidária existente no cenário público do país. Como escreveram Gómez Galvarriato e Tenorio Trillo, “la más de las veces el apego involuntario a la historiografía de la Revolución ha producido o que John Womack (1971) denominó *precursorismo*: todo en el Porfiriato era visto o ignorado en tanto antecedente a la Revolución.” (2006: 13).

Após a eclosão do movimento revolucionário, segundo Garciadiego, os intelectuais da época porfirista foram substituídos por novas gerações. Os “Ateneus” (1909), a “Geração de 1925”, os “Contemporáneos” (década de 1930), são alguns exemplos. “El número de nuevos intelectuales que surgieron con la Revolución fue enorme, prácticamente cada facción

---

<sup>44</sup>Argumento, por exemplo, que em Creelman e Reyes vai ser contrário. O objetivo não é adentrar sobre a questão indígena durante o Porfiriato. Tal tema é complexo e envolve várias perspectivas. O intuito é apenas demonstrar como estes escritores possuíam argumentos diferentes sobre os índios de Sonora e Yucatán. Para estes era necessária uma ação militar que colocasse estes indivíduos sob as leis e sob o governo mexicano. Afirmava Reyes: “La campaña contra los indios yaquis y mayos, fue necesario proseguirla. El Estado del país, de cualquier modo exigía que esas tribus no vivieran fuera de la obediencia del Gobierno; y aunque en inmediatas épocas anteriores pudieron haberse empleado otros medios para encauzarlas en la vida civilizada, en el momento a que nos referimos habían alcanzado algún triunfo sobre las fuerzas federales, que las había envalentonado, y no cabía ya más recurso que sojuzgarlas por medio de las armas.” (REYES, 1960 [1902], p. 283). E, argumentava Creelman: The Indians remained at peace only for brief spells. There was no force within their territory to inspire them with awe and no authority save that of their chiefs, and they soon returned to the warpath and raided the neighboring townlets and villages, burning, murdering, and robbing as they proceeded. Then the government was again compelled to take the field against them and keep up the fighting until they sued for peace. The withdrawal of the troops would be followed by a short period of relative quiet, again interrupted by uprisings, incendiarisms, assassinations, and thefts. (CREELMAN, 2011 [1911], pp. 405-406).

contaba con su pequeño grupo de intelectuales, y cada cabecilla contaba con su intelectual de cabecera.” (2010: 33). Ao ser legitimado o processo revolucionário, e com a preocupação de se construir um Estado com novas bases, deslegitimava-se o Porfiriato. Mas, como vimos, tais mudanças começaram ainda durante o próprio governo de Díaz. Em 1911 disputava-se uma memória a ser deixada do grande general. Havia sido ele herói ou vilão?

## Referências Bibliográficas

BENAVIDES Hinojosa, Artemio. *El General Bernardo Reyes: vida de un liberal porfirista*. Monterrey: Ediciones Castillo, 1998.

COSÍO Villegas, Daniel. *Historia Moderna de México: El Porfiriato, Vida Económica*. Cidade do México: Editorial Hermes, 1965.

CREELMAN, James. *Díaz, master of Mexico*. Lexington: Cornell University Library, 2011.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; BASTOS, Fernanda. *Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX*. Revista História da Historiografia, Ouro Preto, número 7, nov./dez. 2011, pp. 90-112. [no prelo].

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria mestiza: memória e história na invenção da nação mexicana entre os séculos XVIII e XIX*. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH-Unicamp, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GARCIADIEGO, Javier. *Los intelectuales y la Revolución Mexicana*. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.); “Historia de los intelectuales en América Latina” (vol. II). Buenos Aires: Katz Ediciones, 2010.

GARNER, Paul. *Porfirio Díaz: del héroe al dictador, una biografía política*. Cidade do México: Planeta, 2003.

GONZÁLEZ, Luis. *El período formativo*. In: COSÍO VILLEGAS *et al.* “Historia mínima de México”. Cidade do México: El Colegio de México, ed. 2000.

GUERRA, François-Xavier. *México: del Antiguo Régimen a la Revolución*, I. Cidade do México: FCE, 1991.

HALE, Charles. *La transformación del liberalismo en México a fines del siglo XIX*. Cidade do México: Vuelta, 1991.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HUNT, Lynn. *História, cultura e texto*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). “A Nova História Cultural”. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRAMER, Lloyd. *Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra*. In: HUNT, Lynn. (Org.). “A Nova História Cultural”. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARA PARDO, Luis. *De Porfirio Díaz à Francisco Madero: la sucesión dictatorial*. Nova York: Polyglot Publishing & Commercial Co., 1912.

LOMNITZ, Claudio. *Los intelectuales y el poder político: la representación de los científicos en México del porfiriato a la revolución*. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.); MYERS, Jorge (dir. do volume). “Historia de los intelectuales en América Latina” (vol. I). Buenos Aires: Katz Ediciones, 2008.

MADERO, Francisco I. *La sucesión presidencial en 1910: el partido nacional democrático*. Coahuila, 1908.

MAY, H; McMILLEN, N.; SELERS, C.. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos: de colônia à potencia imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1990.

PRIEGO, Natalia. *Symbolism, solitude and modernity: science and scientists in porfirian Mexico*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 473-485, Abr.-Jun. 2008.

REYES, Bernardo. *El General Porfirio Díaz*. Cidade do México: Editora Nacional, 1960.

REYES Heróles, Jesús. *El Liberalismo mexicano*. 3 vols. Cidade do México: UNAM, 1957-1961.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SIERRA, Justo. *Evolución Política del Pueblo Mexicano*. México: La Casa de España en México, 1940.

TENORIO Trillo, Mauricio; GÓMEZ GALVARRIATO, Aurora. *El Porfiriato: herramientas para la historia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

TURNER, John Kenneth. *México Bárbaro*. Cidade do México: Grupo Editorial Tomo, 2010.

TWEEDIE, Alec. *Mexico as I saw it*. Michigan: Michigan University Library, 2011.

VALADÉS, José. *El porfirismo: Historia de un régimen*. Cidade do México, UNAM, 1999.

VILLORO, Luis. *La revolución de independencia*. In: COSÍO Villegas, Daniel. *et al.* “Historia general de México”. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.

WOMACK, John. *Mexican Political Historiography*. Investigaciones contemporáneas sobre historia de México: memorias de la tercera reunión de historiadores mexicanos y norteamericanos, Oaxtepec, Morelos, 4-7 de noviembre de 1969. Austin: University of Texas Press, 1971, pp. 478-492.